



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

DAMIANA BEZERRA ALVES

CORPO, DISCIPLINA E RESISTÊNCIA EM MICHEL FOUCAULT

João Pessoa
Outubro/2017

DAMIANA BEZERRA ALVES

CORPO, DISCIPLINA E RESISTÊNCIA EM MICHEL FOUCAULT

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Prof. Dr. Enoque Feitosa Sobreira Filho

João Pessoa
Outubro/2017

Catálogo na publicação
Setor de Catalogação e Classificação

A474c Alves, Damiana Bezerra.
 Corpo, disciplina e resistência em Michel Foucault / Damiana Bezerra Alves.
 – João Pessoa, 2017.
 91 f.

Orientador: Prof. Dr. Enoque Feitosa Sobreira Filho.
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA/PPGF

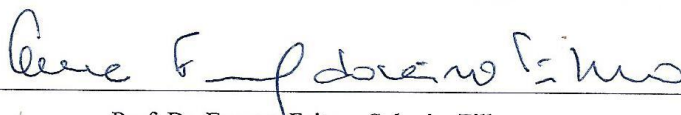
1. Foucault, Michel. 2. Filosofia. 3. Poder disciplinar. 4. Resistência ao poder
5. Formas de resistências. I. Título.

UFPB/BC

CDU - 1(043)

FOLHA DE APROVAÇÃO

A dissertação intitulada Corpo, Disciplina e Resistência em Michel Foucault de autoria de Damiana Bezerra Alves, sob a orientação do Prof. Dr: Enoque Feitosa Sobreira Filho. Apresentada em sessão pública ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de mestre em Filosofia foi aprovada em 27 de julho de 2017, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:



Prof. Dr. Enoque Feitosa Sobreira Filho

Orientador UFPB



Prof.ª Dra. Lorena de Melo Freitas

Examinador (a) (UFPB/ CCJ)



Prof. Dr. Luciano da Silva

Examinador (UFCG)



Prof/Dr. Narbal de Marsillac Fontes

Examinador (UFPB)

Prof. Dr. Anderson D'Arc Ferreira

Examinador (UFPB)

Dedico esta Dissertação aos seres de luz visíveis e invisíveis que, direta ou indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Sendo a gratidão um sentimento de amor que eleva o espírito e nos une a Deus, estou grata ao pai celestial que me permitiu estar presente na caminhada terrena. Estou grata também, aos seres iluminados que me inspiraram e acenderam a luz da minha inteligência. E iluminar a inteligência com conhecimento é uma das mais elevadas e dignas aspirações do ser humano.

Sendo assim, preciso agradecer aos dois anjinhos que Deus colocou na terra para me auxiliar, me aconselhar e muitas vezes puxar minha orelha: Meu pai e minha mãe, seu Cícero e dona Francisca. De modo que não posso deixar de falar nos meus irmãos que me proporcionaram momentos de muita reflexão.

A João, o meu grande orientador da vida, a minha luz, o meu irmão de sangue e de alma, a minha irmã Rosa, minha instrutora espiritual, minha grande amiga. Aos meus irmãos Francisco, Jorge, Roberto, Antonio e Cida.

Em especial, agradeço ao meu orientador professor Enoque Feitosa, a quem eu tenho profunda admiração e respeito, e que me auxiliou em todas as etapas deste trabalho. Agradeço sim, a todos os professores que contribuíram para a confecção desta pesquisa tais como: professora Lorena Freitas, professor Luciano da Silva, professor Narbal de Marsillac e professor Anderson D'arc. Lembrando também de agradecer ao professor Miguel Ângelo pelas valiosas conversas sobre Michel Foucault.

Agradeço ao meu amor pelo acolhimento e eterno carinho Gilvando Meireles. E por fim, agradeço as pessoas que deveria ter agradecido, mas por algum motivo esqueci, não deixando de agradecer a vida! Ao céu, às estrelas, ao vento, ao sol e a lua por nos beneficiar todos os dias. O céu com a sua beleza, as estrelas com o seu encanto, o vento com a sua presença inexplicável, o sol com a sua fortaleza e por último a lua com o seu notável fascínio. A todos o meu muito obrigada.

RESUMO

O propósito deste trabalho consiste em investigar o poder disciplinar e como os corpos podem resistir a essa forma de poder, de acordo com o pensamento de Michel Foucault. Segundo a obra *vigiar e punir*, as práticas disciplinares foram consolidadas a partir dos séculos XVII e XVIII, para poder refletir sobre a produção de um tipo específico de corpo, a saber, um corpo dócil, útil e produtivo. Nesse campo, surge então o seguinte problema: como o corpo poderá resistir ao enquadramento advindo do poder disciplinar? Para Foucault, o poder representa relações de forças, controle das singularidades, na dimensão dos diversos mecanismos de ação, não situados apenas no ápice da hierarquia social, ou seja, no Estado. O poder disciplinar em Foucault é um poder descentralizado, estratégico e que tem como elementos o espaço e o tempo. A hipótese correlacionada às estratégias de fuga a esse poder consiste nas práticas do cuidado de si. Através das obras: *A Hermenêutica do sujeito* e *A coragem da verdade: governo de si e dos outros II*, momento sobre o qual Foucault se debruça na sua última fase, tratando nesse aspecto sobre a ética. Esta pesquisa realizará um estudo, de algumas das suas referidas publicações, tais como: livros, palestra e os cursos proferidos no *collège de France*. Necessariamente abordaremos no capítulo inicial o espaço, o tempo e o corpo como elementos constitutivos desse poder, abarcando também a presença ininterrupta da resistência. No segundo capítulo, trataremos sobre o surgimento das instituições disciplinares observando a vigilância e como a disciplina apareceu. Portanto, no último capítulo iremos estudar as formas de resistência ao poder disciplinar, como: a *parresía* e o cuidado de si.

Palavras-Chave: Disciplina. Resistência. Foucault.

RESUMÉ

Le but de ce travail est d'étudier le pouvoir disciplinaire et comment les corps peuvent résister à cette forme de puissance, selon la pensée de Michel Foucault. D'après l'oeuvre "*Surveiller et punir*", les pratiques disciplinaires ont été consolidées à partir des XVII^e et XVIII^e siècles, afin de réfléchir à la production d'un type spécifique de corps, à savoir un corps docile, utile et productif. Dans ce domaine, il se pose donc le problème: comment le corps peut-il résister à l'encadrement issu du pouvoir disciplinaire? Pour Foucault, le pouvoir représente des rapports de force, de contrôle des singularités dans la dimension des différents mécanismes d'action, non seulement au sommet de la hiérarchie sociale, c'est-à-dire dans l'Etat. Le pouvoir disciplinaire chez Foucault est un pouvoir stratégique et décentralisé qui a des éléments comme l'espace et le temps. L'hypothèse corrélée aux stratégies d'évasion à ce pouvoir consiste dans les pratiques du soin de soi-même. À travers les travaux "*L'Herméneutique du sujet*" et "*Le courage de la vérité: le gouvernement de soi et des autres II*", lorsque Foucault se concentre dans sa dernière phase, dans cet aspect de l'éthique. Cette recherche mènera une étude sur les traductions de quelques de ses publications telles que des livres, des conférences et des cours donnés au collège de France. Nous aborderons nécessairement l'espace, le temps et le corps dans le chapitre initial comme des éléments constitutifs de ce pouvoir, en tenant compte également de la présence ininterrompue de la résistance. Dans le deuxième chapitre, nous discuterons de l'émergence d'institutions disciplinaires observant la surveillance et la manière dont la discipline est apparue. Par conséquent, dans le dernier chapitre, nous étudierons les formes de résistance au pouvoir disciplinaire, telles que la parrhésie et l'auto-soins.

Mots-clés: Discipline. Résistance. Foucault.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
 1 ESPAÇO, TEMPO E CORPO COMO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO PODER DISCIPLINAR E A PRESENÇA CONTÍNUA DA RESISTÊNCIA.....	14
1.1 A Fabricação de Corpos e o Poder Disciplinar	15
1.2 Espaço, Tempo e Corpo como instrumentos Disciplinares	23
1.3 A resistência como antítese ao Poder Disciplinar.....	31
 2 COMPREENDENDO O PODER DISCIPLINAR E O SURGIMENTO DAS INSTITUIÇÕES DISCIPLINARES	36
2.1 O significado do Poder Disciplinar na obra <i>Vigiar e Punir</i>	37
2.2 O aparecimento da Disciplina na Sociedade e em suas Instituições.....	45
2.3 Panóptico e o Espaço Vigiado	55
 3 FORMAS DE RESISTÊNCIA AO PODER DISCIPLINAR: <i>PARRESÍA</i> E O CUIDADO DE SI.....	64
3.1 A <i>parresía</i> como elemento de Resistência ao Poder	65
3.2 O cuidado de si (<i>Epimeléia Heautoû</i>) como práticas do desvelamento do sujeito	75
3.2.1 A prática de si identificada com a própria arte de viver.....	81
 CONCLUSÃO.....	85
 REFERÊNCIAS	89

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho expressa-se em apresentar a disciplina, o corpo e a resistência em Michel Foucault, já que o filósofo expõe que o exercício do poder não ocorre de modo independente dos processos de resistência. Nesse sentido, esta pesquisa se propõe a problematizar como o corpo poderá resistir às tecnologias de poder de ordem disciplinar.

O controle disciplinar não se trata somente de cuidar do corpo como se fosse uma unidade, mas de trabalhar nos seus mínimos detalhes tanto dos gestos como das atitudes. O controle estará presente com o funcionamento do corpo, a eficácia dos movimentos e finalmente com os seus exercícios. O filósofo considera que a eficiência dos métodos de integração corpo, tempo e espaço é o que define o êxito dos poderes disciplinares.

O projeto ou esquema disciplinar ideal seria então constituído por um espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, no qual os indivíduos estão inseridos em um lugar fixo, e seus menores movimentos são controlados e todos os acontecimentos são registrados, isto é, cada indivíduo deve ser constantemente localizado, examinado e distribuído. As disciplinas são eficientes na medida em que fazem funcionar as relações de poder não acima, mas na própria trama da multiplicidade, da maneira mais discreta possível, sendo que a regimentação da multiplicidade se dá por um poder anônimo e hierárquico.

Nesse sentido, as disciplinas se consolidaram porque incorporaram a preocupação com o detalhe na descrição das características mais tênues dos seres humanos. A nova racionalidade pautada nas disciplinas pretende articular com minúcias, as formas de treinamento expressas por Foucault.

Tomamos por hipótese de trabalho a ética do cuidado de si que auxilia no processo do desatar de nós que prendem o sujeito a ele mesmo e consequentemente ao outro como forma de sujeição, ou seja, a ética do cuidado de si, suas técnicas e práticas objetivam abolir a escravidão imposta ao sujeito que torna imperativa a atitude crítica e reflexiva do sujeito sobre si mesmo, objetivando conhecer-se a si mesmo e ocupar-se de si mesmo, preocupando-se consigo. Notamos, portanto, uma espécie de centralidade da

noção de sujeito enquanto aquele que constitui a si mesmo através das práticas de si, pode-se compreender antecipadamente que Foucault procura evidenciar que o poder disciplinar vai estar anexado à normalização, não a norma vinda da soberania, mas a norma estabelecida pelas instituições disciplinares, compreendidas como regras para o “bom” comportamento que fabrica, restringe e torna o homem subserviente.

Segundo Foucault o poder produz discursos, produz corpos e produz também um tipo de sociedade específica. Estamos, ao ver do autor, em um superpoderio, que funciona, não acima do indivíduo, mas na própria trama da coletividade humana, através das relações que são estabelecidas ao longo da existência, perpassando por homens, instituições, espaços e tempo.

A disciplina não é uma invenção moderna, ela foi encontrada nos quartéis e mais cedo nos conventos. Porém, a partir do final do século XVIII, os dispositivos disciplinares sofreram uma série de transformações. Já não é apenas uma maneira de neutralizar os perigos e transtornos que apresentavam os agrupamentos inúteis e agitados. A proposta é aumentar a utilidade dos indivíduos. Ela deixa de estar apenas vinculada aos limites institucionais e se disseminam por toda a sociedade. Ela passa a ser um dispositivo, uma rede de relações entre elementos heterogêneos como: instituições, regulamentos, discursos, leis, enunciados científicos e disposições administrativas (CASTRO, 2014, p. 92).

Outro aspecto da disciplina é o exemplo da instituição escolar. A escola como aparelho disciplinar tende a constituir minúsculos observatórios sociais para penetrar até nos adultos e exercer sobre eles um controle regular. Vigiar o mau comportamento de uma criança, sua ausência no equipamento escolar, torna-se um pretexto legítimo para interrogar os vizinhos a cerca dessa relação dos filhos com seus pais. Estendendo a vigilância para dentro do lar familiar (FOUCAULT, 1997, p. 200).

Mas, esse tipo de poder acontece no hospital como também, em outras instituições. Da mesma maneira que a escola, o hospital também é concebido cada vez mais como um ponto para a vigilância, nesse caso médica. É preciso que o espaço em que está situado o hospital esteja ajustado ao esquadramento sanitário da cidade. É preciso não somente calcular sua localização, mas a distribuição interna de seu espaço. E isto será feito mediante alguns critérios, será necessário constituir em torno de cada enfermo um pequeno meio espacial individualizado, modificável segundo o doente, sua

doença e evolução. É preciso a realização de uma autonomia funcional médica do espaço de sobrevivência do indivíduo (FOUCAULT, 1979, p. 108).

Tudo isso mostra como em sua estrutura espacial, o hospital é um meio de intervenção sobre o doente. A arquitetura do hospital deve ser um fator e um instrumento de cura, isto é, medicalizado em suas funções e em seus efeitos disciplinar.

A ideia que temos de corpo, disciplina e resistência está diretamente relacionada as palavras de ordem: normatização, controle e utilidade como nos mostra Judith Revel:

A noção de norma está ligada àquela de "disciplina". Com efeito, a regra disciplinar é, ao contrário, uma regra natural: a norma. As disciplinas, entre o fim do século XVIII e o início do século XIX, definirão um código que não será o da lei, mas o da normalização; referir-se-ão a um horizonte teórico que não pode ser de maneira alguma o edifício do direito, mas o domínio das ciências humanas; a sua jurisprudência será a de um saber clínico que definirão o normal daquilo que é anormal, ele se atribui os meios de correção que não são exatamente os meios de punição, mas meios de transformação dos indivíduos, toda uma tecnologia do comportamento do ser humano que está ligada a essa normalização (2005, p. 62).

O controle designa, num primeiro momento, uma série de mecanismos de vigilância que aparecem entre os séculos XVIII e XIX e que têm como função não tanto punir o desvio, mas corrigi-lo, e, sobretudo, preveni-lo. O controle é uma economia do poder que gerencia a sociedade em função de modelos normativos globais integrados num aparelho centralizador; mas, de outro modo, trata-se igualmente de tornar o poder capilar, isto é, de instalar um sistema de individualização que se destina a modelar cada indivíduo e gerir sua existência (REVEL, 2005, p. 29).

A utilidade, por sua vez, está coadunada tanto com a disciplina quanto com o corpo, pois, para um corpo se fazer útil dentro dos mecanismos disciplinares precisa estar de acordo com as normas impostas pelas determinações institucionais, é útil um corpo que se possa adestrar e conseqüentemente torná-lo dócil à economia do poder.

Podemos ter em mente que a disciplina se torna uma estrutura do sistema capitalista, uma engrenagem que possui uma importante e vital função social que faz movimentar toda a lógica de seu funcionamento; portanto, sem ela, é como se

estivéssemos retirando uma peça que emperraria tal funcionamento. O poder é produtor de individualidade. O indivíduo é uma produção do poder e do saber. Nesse sentido, serão as instituições que produzem os indivíduos como frutos de um saber acerca do objeto que é o homem em específico. Tais indivíduos produzidos como frutos do saber são instaurados assim graças às relações disciplinares de poder. O poder se abastece pela vigilância contínua e pelo domínio de uns sobre os outros. Sendo assim, cito essa passagem da tese do professor Miguel Ângelo Oliveira do Carmo:

Existe um aprofundamento da questão do poder que passa pelo tema da resistência, mas não a resistência em seu sentido comum de contraposição ou simples oposição. O tratamento dado ao poder, nos anos 70, terá cada vez mais um aprofundamento significativo: das relações entre poder e saber para uma análise do poder e da resistência a este poder. Resistir, aqui, não é simplesmente se opor, como quer a posição marxista, mas mapear as táticas do poder e proceder operacionalmente uma resistência possível. As relações de poder são mais uma provocação estratégica e permanente que uma oposição termo a termo. Assim, lutar *estrategicamente* é ter a resistência como efeito de uma agonística. (CARMO, 2010)

Neste campo de forças ininterruptas aparece a resistência como aparelho de oposição ao poder, mantendo estratégias de fuga, e posição de enfrentamentos para que o indivíduo possa se sobressair a essas engrenagens que o constitui, logo ele é lançado ao cuidado de si que concebe o indivíduo como produtor da sua própria individualidade através de técnicas e posicionamentos perante a si e perante o outro. Práticas citadas segundo a interpretação foucaultiana, exemplos de tais exercícios são os ritos de purificação que preparam a alma para o referido exame de consciência, no qual as técnicas de concentração da alma tem uma importância relevante para as práticas do cuidado de si.

Dessa forma, no primeiro capítulo abordaremos o espaço, o tempo e o corpo como elementos constitutivos do poder disciplinar e da resistência, temos como seção inicial a fabricação de corpos e o poder disciplinar. A segunda seção comporá o espaço e o tempo como instrumentos disciplinares já que compreendem e fazem parte desse poder. A terceira seção está atrelada a resistência ao poder disciplinar como modos de enfrentamentos, explicitando a maneira como o corpo se manifesta quando resiste à atuação excessiva da disciplina em suas diversas instituições sociais.

Já no segundo capítulo, abordaremos o surgimento do poder disciplinar ligado diretamente às instituições disciplinares, deixando claro também, que a disciplina não pode se identificar somente com uma instituição nem com um aparelho, ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação e de alvos. Ela é uma tecnologia, que serve como instrumento para fim determinado, e, nesse sentido, “a formação da sociedade disciplinar está ligada a um certo número de amplos processos históricos sejam eles: econômicos, jurídico-político ou científico” (FOUCAULT, 1997a, p.206). Sendo assim, faremos uma abordagem sobre a sua origem, sobre os mecanismos que desencadearam a sua formação e também sobre sua manutenção.

No terceiro capítulo iremos analisar e apresentar as formas de resistência ao poder disciplinar, tais como: parresía e o cuidado de si, no qual, o sujeito é também o objeto de sua própria ação. É com esta atribuição da ética do cuidado de si que podemos afirmar que o sujeito se transforma em termos éticos, pois ele mesmo está se configurando, se constituindo, se modificando ao exercer esse cuidado de si, uma vez que ele mesmo converte-se como o objeto de sua própria ação. Utilizaremos os cursos ministrados no *collège de France: A Hermenêutica do sujeito, A coragem da verdade: O governo de si e dos outros II*. Nesse sentido tentaremos apontar uma possível escapatória a essa forma de poder.

Nesse sentido, a proposta geral deste referido trabalho consiste em investigar o poder disciplinar e como os corpos podem resistir a essa forma de poder de acordo com o pensamento de Michel Foucault. Assim como, analisar o surgimento das instituições disciplinares, e como esses corpos ocupam espaços que são observados, demarcados e controlados pelo poder, examinar também, a articulação do tempo e do espaço que são elementos que compreendem e fazem parte destas instituições, e contextualizar o que há de limite entre disciplina e resistência no mencionado autor.

Nessa perspectiva, deixo-vos com o primeiro capítulo desta pesquisa dissertativa, que se fundamente em apresentar os elementos essenciais ao poder disciplinar, tais como: o espaço, o tempo, o corpo e o aparecimento da resistência.

1 ESPAÇO, TEMPO E CORPO COMO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO PODER DISCIPLINAR E A PRESENÇA CONTÍNUA DA RESISTÊNCIA

Para compreendermos o pensamento foucaultiano sobre as sociedades disciplinares, faz-se necessário observar que o surgimento desse novo mecanismo e técnica de poder se deu nos séculos XVII e XVIII e irá se entrelaçar essencialmente com a manipulação calculada do corpo. O corpo individual, esse corpo mesmo das pessoas, é manipulado, fabricado e controlado da seguinte forma:

Por meio dessa técnica de sujeição, um novo objeto vai se compondo e lentamente substituindo o corpo mecânico – o corpo composto de sólidos e comandado por movimentos, cuja imagem tanto povoara os sonhos dos que buscavam a perfeição disciplinar. Esse novo objeto é o corpo natural, portador de forças e sede de algo durável; é o corpo suscetível de operações especificadas, que tem sua ordem, seu tempo, suas condições internas, seus elementos constituintes. O corpo tornando-se alvo dos novos mecanismos do poder, oferece-se a novas formas de saber. Corpo do exercício mais que da física especulativa; o corpo manipulado pela autoridade mais que atravessado pelos espíritos animais; corpo do treinamento útil e não da mecânica racional, mas no qual por essa mesma razão se anunciará um certo número de exigências de natureza e de limitações funcionais. (FOUCAULT, 1997, p. 149)

Deste modo, a técnica disciplinar ao qual estamos tratando, vai agir em escala maior no corpo, tornando o indivíduo um ser absolutamente dócil, através de um controle constante de seus movimentos, do seu comportamento e, conseqüentemente, do seu desenvolvimento dentro da instituição que está inserido. Logo, pode-se considerar que existe uma tomada de poder sobre o seu modo de ser individualmente, e nesse campo de observação as disciplinas lidam exclusivamente com o corpo introduzidos em um tempo e espaço que facilitam a sua localização e aperfeiçoamento do poder.

Analisaremos no capítulo inicial, os elementos que constituem o poder disciplinar e apresentaremos como esses componentes funcionam dentro da perspectiva do poder, assim também, como em suas respectivas instituições, como por exemplo: as prisões, os quartéis, as fábricas e as instituições de ensino (escolas), para a formação

destes sujeitos e para a manutenção do poder que são alvos de análise e crítica de Foucault.

1.1 A Fabricação de Corpos e o Poder Disciplinar

Segundo Foucault, (1997, p.132) houve uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Sendo assim, foi encontrado sinais de atenção dedicados ao corpo, passando o mesmo a ser manipulado, modelado, treinado. Agindo dessa maneira, imediatamente ele torna-se hábil e suas forças passam a se multiplicar. O corpo nesse aspecto passa a ser dócil na medida em que pode ser submetido, utilizado, transformado e aperfeiçoado. Nesse sentido, houve uma fabricação de corpos, se ele é inapto passa a ser apto, ou seja, é corrigida pouco a pouco a postura, o direcionamento de suas forças e cada parte desse corpo passa a ser controlada e manipulada, deixando de exercer características naturais para por em ação características artificiais:

A escala, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente: de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. O objeto, em seguida, do controle: não, ou não mais, os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício. (1997, p.132-133)

O que caracteriza o poder disciplinar são os métodos que permitem que o controle constante das operações do corpo aconteça. Nesse sentido, a disciplina exige que esse corpo, que anteriormente era desordenado, passe a ser ordenado buscando seguir rapidamente a obediência das regras estabelecidas pelas instituições que fazem parte da estrutura desse poder, estrutura essa que demarca e regimenta a sociedade moderna.

O corpo, tornando-se alvo desse novo mecanismo de poder é treinado para ser útil e funcional. Analogamente ao participar dessa forma de poder, o indivíduo precisa se tornar dócil até em suas mínimas operações, para fazer cumprir o objetivo de ordem disciplinar. A disciplina constrói, cria indivíduos e como consequência ela também irá

direcionar seus corpos, isto é, usando várias estratégias específicas que tomam o ser humano e seu corpo como objetos e como instrumentos de seu exercício:

A disciplina faz “funcionar” um poder relacional que se autossustenta por seus próprios mecanismos e substitui o brilho das manifestações pelo jogo ininterrupto dos olhares calculados. Graças às técnicas de vigilância, a física do poder, o domínio sobre o corpo se efetuam segundo as leis da ótica e da mecânica, segundo um jogo de espaços, de linhas, de telas, de feixes, de graus e sem recurso, pelo menos em princípio, ao excesso, a força, a violência, poder que é em aparência ainda menos “corporal” por ser mais sabiamente “físico”. (FOUCAULT, 1997, p.170-171)

A ótica da disciplina acerca do poder sobre os corpos, sobre os indivíduos, sobre as pessoas, vai se dar mais pela vigilância, pela norma, pelas regras, porque tudo que está inadequado à regra, tudo que se afasta dela. Os desvios, os descompromissos, são passíveis de penalidade. O corpo relaxado do soldado, a ausência do trabalhador nas fábricas, a falta do aluno em sala de aula, a inaptidão ao cumprimento de determinadas tarefas, tudo isso acarreta determinada penalidade a esse corpo. Com isso, a teoria política do poder disciplinar se constitui com base na normatização acerca do corpo e de sua consequente fabricação:

O indivíduo é sem dúvida o átomo fictício de uma representação “ideológica” da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama “disciplina”. Temos que deixar de escrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele “exclui”, “reprime”, “censura”, “abstrai”, “mascara”, “esconde”. Na verdade o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objeto e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam dessa produção. (FOUCAULT, 1997, p.185)

Em *História da Sexualidade I (A vontade de Saber)* Foucault deixa claro que esse poder é uma espécie de controle, de vigilância, de majoração e de organização das forças que de alguma maneira lhe são submetidas, um poder que é destinado a produzir forças com o intuito de fazer com que elas cresçam e possam ser ordenadas de todas as formas. Esse poder se centra no corpo como se ele fosse de fato uma máquina que pudesse ser adestrada, ampliada suas aptidões, fazendo crescer sua utilidade e integrando-a a um sistema que possa controlar eficazmente tudo que é assegurado por

esses procedimentos que o envolvem, tornando o corpo susceptível as demandas e tecnologias do poder (1980, p.151).

Considerando tais análises foucaultianas, podemos observar que esse poder se manifesta de modo silencioso e normativo, agindo exclusivamente na conduta humana. Dessa forma, o poder disciplinar organiza as capacidades do corpo, suas forças, suas energias, seus movimentos deixando-o cada vez mais ordenado e voltado para a utilidade sucessiva de suas potencialidades corporais. Nesse sentido, assevera Foucault:

A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode-se fiar em seu superpoderio; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente. Humildes modalidades, procedimentos menores, se os compararmos aos rituais majestosos da soberania ou aos grandes aparelhos do estado. E são eles juntamente que vão pouco a pouco invadir essas formas maiores, modificar-lhes os mecanismos e impor-lhes seus processos. (FOUCAULT, 1997, p.164)

Diante disso, o poder disciplinar vai ao encontro do corpo, usando suas técnicas e manobras para logo em seguida manipular, coordenar e direcionar esse mesmo corpo. Os indivíduos são manejados de certa maneira como objeto, porque os mesmos se encontram em uma maquinaria que faz com que as regras, as normas sejam todas cumpridas com vigor. Pois, o objetivo real desse poder é fazer com que sejam usadas as forças desse corpo para torná-lo dócil politicamente e útil. Eis o exemplo da confecção do soldado:

Segunda metade do século XVIII o soldado tornou-se algo que se fabrica: de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas: lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos; em resumo, foi “expulso o camponês” e lhe foi dada a “fisionomia de soldado”. (FOUCAULT, 1997, p. 131)

Com isso, evidencia-se que as transformações que ocorrem no corpo, a partir do momento em que ele começa a fazer parte de uma instituição disciplinar, são orientadas por certas normas estabelecidas pela instituição, passando a haver uma modificação

extrema na sua forma de ser e no seu comportamento. Sobremaneira, o que queremos enfatizar desse sistema articulador de poder é a forma como os corpos são dirigidos nesta maquinaria, tornando-se subservientes e realizando as atividades elaboradas pela instituição a qual o mesmo pertence, neste caso:

Os mecanismos disciplinares [...] visam aumentar o rendimento, a compor as forças, a extrair dos corpos toda a força útil. Mas é difícil ver aí uma determinação econômica “em uma última instância” mesmo se dotarmos a superestrutura de uma capacidade de reação de retorno. Toda economia, a oficina, por exemplo, ou a fábrica, pressupõe esses mecanismos de poder agindo, de dentro, sobre os corpos e as almas, agindo no interior do campo econômico sobre as forças produtivas e as relações de produção. As relações de poder não se encontram em posição de exterioridade com respeito a outros tipos de relações [...] a posição (delas) não é a de superestrutura [...] elas possuem, onde agem, um papel diretamente produtor [...] o poder tem como característica a imanência de seu campo, sem unificação transcendente, a continuidade de sua linha, sem uma centralização global, a continuidade de seus segmentos sem totalização distinta: espaço serial. (DELEUZE, 1988, p.36-37)

No sentido de analisarmos um poder que incide sobre o corpo, é importante salientar que ele vai se dar através de um meio físico de individualidades que ocupam determinados ambientes, isto é, corpos que estão anexados a uma dada instituição. Logo, pode-se dizer que o poder disciplinar possui toda uma rede de tecnologia para fazer andar com mais eficácia a localização exata do corpo, já que a sua forma de descobrimento é imediata e os seus mecanismos foram criados para esse fim.

Desse modo, o que nos dispomos a ressaltar é a forma como o poder penetra na vivência humana, dominando os corpos, disciplinando-os e fazendo cumprir as normas que estão sendo estabelecidas a troco de algumas garantias que a própria instituição oferece, sendo que para cada instituição há uma maneira exata de recompensar ou punir qualquer corpo que venha a fazer parte do seu funcionamento. Portanto, este poder irá tratar de técnicas que coordenam, direcionam e manipulam o comportamento humano voltado para as instituições sociais, a maneira como elas normalizam o horário, o movimento e, conseqüentemente os corpos no seu âmbito espaço-temporal.

A disciplina não é mais simplesmente uma arte de repartir os corpos (FOUCAULT, 1997, p. 158), mas de compor forças para obter um aparelho eficiente, reunindo-os, direcionando-os e manipulando-os até os mínimos instantes. O corpo da

singularidade foi treinado para funcionar peça por peça por operações designadas por força de regras que apontam para o seu bom funcionamento:

O corpo singular se torna um elemento, que se pode colocar, mover, articular com outros. Sua coragem ou força não são mais as variáveis principais que o definem; mas o lugar que ele ocupa o intervalo que cobre a regularidade, a boa ordem segundo as quais opera seu deslocamento [...] o corpo se constitui como peça de uma máquina multissequimentar. (FOUCAULT, 1997, p. 158)

Toda e qualquer atividade feita pelo indivíduo disciplinado deve ser dirigida, seguindo uma ordem com uma ampla clareza da proposta que se deseja alcançar, pois é necessário e suficiente que provoque o comportamento almejado pela instituição a que está submetido o corpo ou a singularidade. O que importa é receber o sinal ao qual está estabelecido previamente, e reagir de imediato a ele, colocando os corpos em um pequeno mundo de regras ligadas a uma determinada técnica de treinamento para a efetivação de uma boa conduta e produção de um dado indivíduo.

Roberto Machado em seu livro *Ciência e Saber A trajetória da arqueologia de Foucault* (1981, p. 198), mostra-nos que o adestramento do corpo, o aprendizado dos gestos, a regulação da conduta tem o objetivo de separar, comparar, distribuir, avaliar e hierarquizar, tudo isso faz com que apareça o homem, a individualidade como produto do poder, das técnicas disciplinares, sendo as mesmas de individualização, manipulação e construção do saber enveredadas pelo poder.

Foucault (1997, p. 136) através de uma observação minuciosa do detalhe, e ao mesmo tempo obtendo um enfoque político dessas pequenas coisas, percebeu que para o controle e utilização dos corpos dos homens é feito todo um conjunto de processos, de saberes, de descrições, de receitas e de dados desses esmiuçamentos. Dentro dessas condições nasceu o homem do humanismo moderno, carregado por técnicas e manipulações de poder, cercado por todo um conjunto de normas que o direciona para determinado comportamento e ação.

Visto que estamos tratando aqui sobre a forma como esse corpo é levado através dos mecanismos disciplinares, explicitaremos a definição de corpo atrelada à disciplina exposta por Edgar Castro em seu livro intitulado *vocabulário de Foucault* no qual aparece uma explicação relacionada à mecânica do poder de ordem disciplinar. Com vista a isso, segue-se o esclarecimento de Edgar Castro:

O corpo já não tem que ser marcado, deve ser direcionado: seu tempo deve ser medido ou plenamente utilizado, suas forças devem ser continuamente aplicadas ao trabalho. A forma prisão da penalidade corresponde à forma salário do trabalho [...] o dispositivo disciplinar, no entanto, tem por objetivo a singularidade somática, mas precisamente, o objetivo das disciplinas é converter a singularidade somática em sujeito de uma relação de poder e, desse modo fabricar indivíduos [...] o indivíduo não é outra coisa senão o corpo assujeitado. (CASTRO, 2016, p. 89)

Quando o filósofo coloca que o corpo está preso a uma maquinaria de poder, está o autor frisando que esse indivíduo se encontra submetido às forças levadas através das regras que são expostas para que o mesmo possa obedecê-la, sendo essas regras um conjunto de mandamentos que funcionam a serviço do poder atreladas ao tempo e ao espaço. No livro *A verdade e as Formas jurídicas* (1973) Foucault expõe um exemplo que se faz relevante para que possamos compreender o funcionamento das instituições disciplinares no trato com o corpo dos indivíduos:

Darei o regulamento sem dizer se é uma fábrica, uma prisão, um hospital psiquiátrico, um convento, uma escola, um quartel: é preciso adivinhar de que instituição se trata. Era uma instituição onde havia 400 pessoas que não eram casadas e que deviam levantar-se todas as manhãs às cinco horas; as cinco e cinquenta deveriam ter terminado de fazer a toilette, a cama e ter tomado o café; as seis horas começava o trabalho obrigatório, que terminava as oito e quinze da noite, com uma hora de intervalo para almoço; as oito e quinze jantar, oração coletiva; o recolhimento aos dormitórios era as nove horas em ponto. O domingo era um dia especial; o artigo cinco do regulamento desta instituição dizia: Queremos guardar o espírito que o domingo deve ter, isto é, dedica-lo ao cumprimento do dever religioso e ao repouso. Entretanto, como o tédio não demoraria a tornar o domingo mais cansativo do que os outros dias da semana, deverão ser feitos exercícios diferentes, de modo a passar esse dia cristã e alegremente, de manhã exercícios religiosos, em seguida exercícios de leitura e de escrita e finalmente recreação as últimas horas da manhã; a tarde catecismo, as vésperas e passeio depois da quatro horas, se não fizesse frio. Caso fizesse frio, leitura em comum. Os exercícios religiosos e a missa não eram assistidos na igreja próxima porque isto permitiria aos pensionistas deste estabelecimento terem contato com o mundo exterior; assim, para que nem mesmo a igreja fosse o lugar ou o pretexto com o mundo exterior, os serviços religiosos tinham lugar em uma capela construída no interior do estabelecimento. “A igreja paroquial, diz ainda este regulamento, poderia ser um ponto de contato com o mundo e por isso uma capela foi consagrada no interior do estabelecimento.” Os fiéis de fora não eram sequer admitidos. Os pensionistas só podiam sair do estabelecimento durante os passeios de domingo, mas sempre sob a vigilância do pessoal religioso. Este

peçoal vigiava os passeios, os dormitórios e assegurava a vigilância e a exploração das oficinas. O peçoal religioso garantia, portanto, não só o controle do trabalho e da moralidade, mas também o controle econômico. Estes pensionistas não recebiam salários, mas um prêmio, uma soma global estipulada entre 40 e 80 francos por ano que somente lhes eram dados no momento em que saíam. No caso de uma peçoia de outro sexo precisar entrar no estabelecimento por razões materiais, econômicas, etc, deveria ser escolhida com o maior cuidado e permanecer por muito pouco tempo. O silêncio lhes eram imposto sob pena de expulsão. De um modo geral, os dois princípios de organização, segundo o regulamento eram: os pensionistas nunca deveriam estar sozinhos no dormitório, no refeitório, na oficina, ou no pátio e deveria ser evitada qualquer mistura com o mundo exterior, devendo reinar no estabelecimento um único espírito. (FOUCAULT, 1999b, p. 108-109)

Que instituição era essa? No fundo essa questão não tem muita importância como coloca Foucault, pois poderia ser qualquer uma: prisão, internato, uma escola, ou uma casa de correção, (1999b, p. 109). Qualquer instituição tem por finalidade não excluir, mas fixar os indivíduos. Nesse sentido, a fábrica não exclui, liga os indivíduos a um aparelho de produção. A escola não exclui os indivíduos, ela fixa-os a um aparelho de transmissão de saber, o hospital psiquiátrico não exclui os indivíduos, liga-os a um aparelho de correção, ou mesmo a um aparelho de normalização (1999b, p. 114).

Há exemplos de ocorrências em que o poder econômico e político estão inseridos nessas instituições de controle e disciplinamento:

No caso de uma fábrica, o poder econômico oferece um salário em troca de um tempo de trabalho em um aparelho de produção que pertence ao proprietário. Há, além destes, um poder econômico de outro tipo: o caráter pago do tratamento, em certos números de instituições hospitalares. Mas, por outro lado, em todas essas instituições há um poder não somente econômico, mas também político. As peçoas que dirigem essas instituições se delegam o direito de dar ordens, de estabelecer regulamentos, de tomar medidas, de expulsar indivíduos, aceitar outros. Este mesmo poder econômico e político é também um poder judiciário. Nestas instituições não apenas se dão ordens, se tomam decisões, não somente se garantem funções como a produção, a aprendizagem, mas também se tem o direito de punir e recompensar, se tem o poder diante de instâncias de julgamento. Este micro-poder que funciona no interior dessas instituições é ao mesmo tempo um poder judiciário. O fato é surpreendente, por exemplo, nas prisões, para onde os indivíduos são enviados porque foram julgados por um tribunal, mas onde sua existência é colocada sob a observação de uma espécie de micro-tribunal, de pequeno tribunal permanente, constituídos pelos guardiões

e pelo diretor da prisão, que da manhã a noite vai puni-los segundo seu comportamento. (FOUCAULT, 1999b, p. 120)

A todo o momento se pune e se recompensa, se avalia e se classifica, se diz quem é o melhor, e quem é o pior (FOUCAULT, 1999b, p. 120). Nessas instituições, o que está em jogo é a forma como o poder é exercido sobre os corpos dos indivíduos sequestrando o seu tempo, postura e comportamento. A partir daí nasce um saber sobre os indivíduos, uma análise feita a partir das observações realizadas de cada passo dado da singularidade no seu espaço disciplinar.

Logo, o controle disciplinar não consiste simplesmente em ensinar ou impor uma série de gestos definidos aos corpos, impõe melhor relação entre um gesto e a atitude global do corpo que é a sua condição de eficácia e de rapidez (FOUCAULT, 1997, p. 147). Nesse âmbito, afirma o filósofo que é empregando bem o corpo, que se permite um bom emprego do tempo. Nada pode passar despercebido, ficando ocioso ou inútil, tudo no meio desse processo de disciplinamento deve ser chamado a formar o suporte do ato requerido. Um corpo que está dentro dos parâmetros das normas disciplinares é que constrói e edifica a base de um gesto eficiente.

Com o exposto, intencionamos, mesmo que de forma inicial, elucidar o conceito de disciplina e a fabricação de corpos na obra de Foucault e pontuar a maneira como a questão da disciplinarização dos corpos atua na formação do indivíduo, tornando o corpo submisso e politicamente dócil na construção dos saberes. Compreendendo que o conceito de disciplina se associa diretamente a ideia de poder, no qual, o grande destaque desta análise diz respeito ao aspecto transformador do poder, pois nessas relações de força ocorre o controle e a disciplinarização dos corpos, numa espécie de aprimoramento de tais corpos ao projeto inerente ao poder.

No item que se segue, trataremos do espaço e do tempo como ferramentas indispensáveis ao poder disciplinar. Levantando exemplos de arquiteturas espaciais, como o modelo dos hospitais, das fábricas e das escolas.

1.2 Espaço, Tempo e Corpo como instrumentos Disciplinares

O espaço das instituições disciplinares é caracterizado pela distribuição dos indivíduos a partir do uso contínuo de diversas técnicas, em que, dentre outras funções, é possível perceber um local protegido, para haver o encarceramento, ou seja, o afastamento do convívio social. Foucault (1997, p. 137) explicita sobre o modelo dos conventos que pouco a pouco se impõe, tornando-se um modelo obrigatório. Nesse aspecto, criam-se também grandes espaços para as indústrias, espaços esses homogêneos, em que suas partes são plenamente vigiadas. Podemos observar com maior clareza a gênese do espaço industrial na seguinte observação do filósofo: “A fábrica parece claramente um convento, uma fortaleza, uma cidade fechada; o guardião só abrirá as portas à entrada dos operários, e depois que houver soado o sino que anuncia o reinício do trabalho” (FOUCAULT, 1997, p. 138).

O espaço disciplinar é disposto segundo o princípio da localização de forma imediata ou do quadriculamento (FOUCAULT, 1997, p. 138), para que cada indivíduo tenha seu próprio lugar no espaço e função. Esses espaços tendem a se dividir em várias parcelas quando há corpos ou elementos para se repartir. A disciplina organiza um ambiente analítico; pode a cada instante vigiar o comportamento de cada um individualmente, para em seguida, utilizar e dominar suas forças.

O espaço da disciplina é celular, pois está voltado para a solidão necessária do corpo e da alma (FOUCAULT, 1997, p. 138). Esses espaços realizam a fixação e permitem a circulação, recortando segmentos individuais, marcando lugares e indicando valores, de acordo com a posição que o indivíduo tem na instituição, dependendo da função de que ele ocupa, estabelecendo um controle de suas atividades e de seus atos, para logo em seguida, tornar a singularidade um ser obediente.

Nessas instituições, os elementos que compõem o seu espaço são intercambiáveis, ou seja, tais elementos mantêm uma relação uns com os outros. Assim:

A unidade não é, portanto, nem o território (unidade de dominação), nem o local (unidade de residência), mas a posição na fila: o lugar que alguém ocupa numa classificação, o ponto em que se cruzam uma linha e uma coluna, o intervalo numa série de intervalos que se pode percorrer sucessivamente. A disciplina, a arte de dispor em fila e da

técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações. (FOUCAULT, 1997, p. 140-141)

Seguindo essa linha de raciocínio, podemos observar que os espaços das instituições disciplinares foram construídos com o propósito de analisar o comportamento de cada um de modo a mantê-los sob controle, para o exercício e o cumprimento das regras demarcadas pela própria instituição.

Quando se fala em espaços disciplinares, na verdade, Foucault está remontando a espaços dotados de função extremamente regida pela norma, já que o próprio poder disciplinar irá implicar em um poder sobre o corpo, sobre o comportamento, e, conseqüentemente, sobre a singularidade que faz parte do sistema composto de uma arquitetura espacial institucional.

As técnicas disciplinares nos mostram, então, como a lei e a norma funcionam de maneiras diferentes. A lei discrimina entre o permitido e o proibido, remete as condutas dos indivíduos a uma série de códigos nos quais se estabelece essa diferença, persegue e separa os não adequados ao legalmente estabelecido. A norma, em contrapartida, se move em relação a um campo de comparação no qual há maior ou menor adequação a respeito do que se considera ótimo; para estabelecer esse padrão de referência, não se serve de códigos, mas de saberes e, finalmente não busca separar uns dos outros, mas adequar e homogeneizar, isto é, normalizar (CASTRO, 2014, p. 93-94). E é sobre ela que a disciplina atua.

Para tanto, o ordenamento espacial dos homens vai se dar na medida em que há uma avaliação de seus movimentos, de seus gestos e de seu comportamento, a ponto de ser medida a capacidade de realizar em menos tempo determinada tarefa e de aumentar a eficiência de sua atividade. Portanto, o espaço disciplinar, serve para delimitar, detectar e identificar o indivíduo.

O que importa é distribuir os indivíduos em um espaço que possam isolá-los, localizá-los, mas também articular as distribuições sobre um aparelho de produção que tem suas exigências próprias, ligando dessa forma, a ordenação dos corpos e as variadas maneiras de atividade na divisão dos postos de cada singularidade específica.

A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios, colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e cada prova, colocação que o aluno obtém de semana em semana, de mês em mês (FOUCAULT, 1997, p. 141). E nesse conjunto de alinhamentos obrigatórios, cada aluno segundo sua idade, seus desempenhos e seu comportamento, ocupa ora uma fila, ora outra, em um movimento perpétuo, no qual os indivíduos substituem uns aos outros num espaço basicamente escondidos por intervalos alinhados.

A organização de um espaço serial nos mostra Foucault (1997, p. 142), foi uma das grandes modificações técnicas do ensino elementar, ao determinar lugares individuais tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos fluiu de modo a ser mais eficiente e produtivo.

As disciplinas organizam uma espécie de celas, lugares e fileiras, criam espaços com o objetivo funcional e hierárquico, realizando a fixação da singularidade, permitindo que o indivíduo se movimente, mas sem perdê-lo de vista, através de uma vigilância contínua. Esses lugares garantem certa obediência, mas também são eficazes na melhor economia do tempo e dos gestos dos indivíduos. São observados, manejados, direcionados em um espaço que foi planejado e arquitetado para tal fim. Isto significa ter uma total produção de corpos, mercadorias, discursos, sabres e poderes.

Nesse aspecto, as disciplinas se posicionam de modo a analisar os espaços, a decompor e recompor as atividades que poderão ser executadas com mais eficácia, e devem também ser compreendidas como aparelhos que capitalizam o tempo, tornando-o a todo instante produtivo.

Ao lado das considerações sobre o espaço disciplinar, o tempo também é estabelecido como item importante dentro das forças que a disciplina produz. No início do século XIX, a instituição escolar já havia proposto horário específico para cada momento tido como importante, tais como: entrada do professor, entrada dos alunos, o momento de oração, a hora exclusiva do ditado etc.

Na sociedade disciplinar é pertinente a permanência dos indivíduos em espaço fechado que se possa controlar, mas também, tem-se a necessidade de que os indivíduos coloquem seu tempo à disposição da instituição. Foucault salienta que é

preciso que o tempo dos homens seja oferecido ao aparelho de produção, que o aparelho de produção possa utilizar o tempo de vida, o tempo de existência da individualidade, pois é para isso e dessa forma que o controle se exerce através desses mecanismos de poder (1999b, p. 116).

Nesse ponto, o autor demonstra que o tempo dos indivíduos, transforma-se em tempo de trabalho para que haja uma extração máxima do corpo e dos mínimos instantes. Nessas instituições disciplinares, o tempo das pessoas se encontra de todas as formas controlado.

Foucault encontra nessas instituições disciplinares um grande mecanismo de transformação: como fazer do tempo e do corpo dos homens, da vida dos homens, algo que seja força produtiva, é esse conjunto de mecanismos bem elaborados pelo poder que o filósofo denomina sequestro (1999b, p. 122).

Todo esse sistema que se pune, que se classifica, que se recompensa, e se avalia é definido como uma espécie de esquema anátomo-cronológico do comportamento. Cada ato é decomposto sendo estabelecida a posição do corpo, dos membros, das articulações, pois para cada movimento é determinada uma direção, é prescrita sua ordem de sucessão. O tempo penetra o corpo e com ele todos os controles minuciosos do poder são afirmados e ajustados (FOUCAULT, 1997, p. 146).

A disciplina organiza uma economia, coloca a regra da utilização sempre crescente do tempo, importa extrair do tempo mais instantes disponíveis e com ele mais forças úteis.

O que se observa no contexto disciplinar, é que se deve procurar intensificar o uso contínuo até dos mínimos detalhes, como se o tempo fosse inesgotável, ou seja, importa colocar em prática que o máximo de rapidez encontre o máximo de eficiência, quanto mais se decompõe o tempo, mais se multiplicam suas subdivisões e consequentemente suas forças. E vai nascendo em meio a essa divisão do tempo uma técnica que Foucault chama de sujeição. Isto é, um corpo comandado por movimentos exteriores buscando a perfeição disciplinar.

Um exemplo significativo está nas fábricas, os operários possuem o tempo medido, cronometrado, para exercer determinada função, já que são pagos. O tempo deles deve ser considerado sem impureza não acarretar defeitos para aquela obrigação

determinada. O mesmo tem que ser de boa qualidade e a produção deve fluir, pois durante todo o transcurso do tempo o corpo deve ficar aplicado ao seu exercício, o exercício mesmo da produção. Seguindo essa linha de raciocínio, Foucault nos fala que nesta lógica tempo-controle o ato é dividido em partes elementares, sendo definido o gesto que o corpo exerce a cada momento e o instante das articulações para cada movimento deverá ser delimitado seguindo uma direção, uma amplitude e nesse sentido prescrita sua ordem de acontecimento (1997, p. 140).

O tempo nos seus mínimos instantes vai pouco a pouco exercendo um poder minucioso, controlador sobre esse mesmo corpo, que perpassa consequentemente a nossa visão, dando-lhe um ritmo e uma direção.

Assim, a disciplina procura extrair mais forças positivas do tempo, pois, quanto mais se produz em pouco tempo, melhor será feito o uso desse tempo de maneira eficiente, útil e precisa. A escola é um dos aparelhos disciplinares em que podemos observar como funciona a utilização extrema desse tempo:

A escola mútua também foi disposta como um aparelho para intensificar a utilização do tempo; sua organização permitia desviar o caráter linear e sucessivo do ensino do mestre; regulava o contraponto de operações feitas, ao mesmo tempo, por diversos grupos de alunos sob a direção dos monitores e dos adjuntos, de maneira que cada instante que passava era povoado de atividades múltiplas, mas ordenadas; e por outro lado o ritmo imposto por sinais, apitos, comandos impunha a todos normas temporais que deviam ao mesmo tempo acelerar o processo de aprendizagem e ensinar a rapidez como uma virtude. (FOUCAULT, 1997, p. 149)

Outro exemplo peculiar aparece no regime militar. Podemos observar como nesta instituição o controle do tempo é concebido. Em *Vigiar e Punir* Foucault organiza um quadro de processo militar que demonstra com nitidez como isso acontece:

(1º) Dividir a duração em segmentos, sucessivos ou paralelos, dos quais cada um deve chegar a um termo específico. Por exemplo: isolar o tempo de formação e o período da prática; não misturar instrução dos recrutas e o exercício dos veteranos (...) recrutar os soldados profissionais desde muito jovens (...) ensinar sucessivamente a postura, depois a marcha, depois o manejo das armas, depois o tiro, e só passar a uma atividade se a anterior estiver completamente

adquirida (...) enfim decompor o tempo em sequências, separadas e ajustadas. (2º) Organizar essas sequências segundo um esquema analítico - sucessão de elementos tão simples quanto possível, combinando-se segundo uma complexidade crescente (...). No século XVI, o exercício militar consistia principalmente em uma pantomima de todo ou de parte do combate, e em fazer crescer globalmente a habilidade ou a força do soldado. (...) gestos simples – posição dos dedos, flexão da perna, movimento dos braços – que são no máximo os componentes de base para os comportamentos úteis, e que além disso efetuam um treinamento geral da força, da habilidade, da docilidade. (3º) Finalizar esses segmentos temporais, fixar-lhes um termo marcado por uma prova, que tem a tríplice função de indicar se o indivíduo atingiu o nível estatutário, de garantir que sua aprendizagem está em conformidade com a dos outros, e diferenciar as capacidades de cada indivíduo. (4º) Estabelecer séries de séries; prescrever a cada um, de acordo com seu nível, sua antiguidade, seu posto, os exercícios que lhe convém; os exercícios comuns tem um papel diferenciador e cada diferença comporta exercícios específicos. Ao termo de cada série, começam outras, formam uma ramificação e se subdividem por sua vez. De maneira que cada indivíduo se encontra preso numa série temporal, que define especificamente seu nível ou sua categoria. (1997, p.152-153)

A citação mostra como deverá ser dividido o tempo, para que cada ação exercida tenha um objetivo no momento certo. Ou seja, para cada ação deverá ter um tempo definido e específico. Desse modo, seguem em destaque, os gestos, a posição dos dedos, a flexão das pernas e o movimento dos braços, formando assim, os instrumentos indispensáveis para a composição da disciplina.

O que vai se acentuar nesta forma de disciplina é a maneira avaliativa das instituições militares, a forma útil de classificar o indivíduo de acordo com o seu aprendizado, valorizando e exaltando as suas capacidades, tendo em vista também o processo que isso irá levar, pois Foucault fala do estabelecimento de série em série, ou seja, comunicar a cada indivíduo o posto que o mesmo irá assumir e aplicar com severidade quais são os exercícios convenientes, sendo que cada exercício tem um papel fundamental: diferenciar e subdividir as singularidades de acordo com o nível ou categoria que ele venha a pertencer.

Neste âmbito, a disciplinarização vista nas instituições militares, relaciona-se de forma precisa como o tempo e com o espaço, na medida em que individualizam os comportamentos úteis dos não úteis, distinguem as capacidades de cada pessoa e

estabelecem uma ordem, na qual, cada ser possui o seu lugar, o seu espaço, dando possibilidade de haver a observação e o comando detalhado da atividade como um todo.

O tempo nas instituições disciplinares deve ser bem medido e bem usado, acarretando assim um tempo de boa qualidade, decompondo esse mesmo tempo em sequências separadas, ajustadas e planejadas, discernindo as capacidades de cada um, efetuando um treinamento global da força, da habilidade e da docilidade (FOUCAULT, 1997, p. 152). Portanto, o poder se articula diretamente sobre o espaço e tempo, realiza o controle dele e garante sua utilização. Nesse sentido, exporemos a seguinte passagem:

Sobre toda a superfície de contato entre o corpo e o objeto que o manipula, o poder vem se introduzir, amarra-os um ao outro. Constitui um complexo corpo-arma, corpo-instrumento, corpo-máquina. Estamos inteiramente longe daquelas formas de sujeição que só pediam ao corpo sinais ou produtos, formas de expressão ou o resultado de um trabalho. A regulamentação exposta pelo poder é ao mesmo tempo a lei de construção da operação. E assim aparece esse caráter do poder disciplinar: tem uma função menos de retirada que de síntese, menos de extorsão do produto que de laço coercitivo com o aparelho de produção. (FOUCAULT, 1997, p.148)

Portanto, o dispositivo disciplinar, funciona sobre a base de diversos procedimentos, primeiro, distribuindo os indivíduos em um ambiente, definindo uma relação, colocando os indivíduos em termos classificatórios: cada preso em sua cela, cada doente em sua cama, cada aluno em sua carteira, cada empregado em seu escritório ou junto à sua máquina. No segundo momento, o controle das atividades é feito mediante o horário e o ajuste dos seus gestos e comportamentos. Em um terceiro momento, a organização do tempo mediante a segmentação da temporalidade de um processo e a serialização de atividades repetitivas e sucessivas, e por último, a composição das séries temporais mediante um determinado comando.

Nessas instituições sociais que marcadamente exercem o poder sobre os indivíduos, elas detêm um amplo controle sobre eles, moldando-os e transformando-os conforme os interesses de grupos dominantes da sociedade. Todos aqueles que têm suas vidas associadas a estes lugares sofrem direta ou indiretamente as emanções do poder. E as implicações do espaço e do tempo estão diretamente inseridos no processo de disciplinamento.

O poder possui, desta forma, um caráter político e suas relações implicam na domesticação dos corpos dos indivíduos que fazem parte de uma dada sociedade. Há uma espécie de ligação econômico-política do poder que transforma o sujeito, adequando-o ao que é socialmente aceitável, ou seja, aos padrões previamente estabelecidos pelo corpo social. O controle exercido sobre os corpos impedem comportamentos politicamente desviantes, tornando-os economicamente ativos e produtivos e impedindo assim a possibilidade da existência de uma desobediência civil. Tal transformação provocada pelo poder tem implicações éticas, que serão melhor exploradas por Foucault na terceira fase de seu pensamento, associada à investigação da constituição ética do sujeito, que trabalharemos mais adiante com mais acuidade, detendo-nos especificamente à questão da ética do cuidado de si e da parresía.

No item 1.3 faremos um apontamento relacional mostrando a presença da resistência correlata a disciplina, explicando os momentos de encontro e de distanciamento, uma operando como poder, outra resistindo ao enquadramento do mesmo.

1.3 A resistência como antítese ao Poder Disciplinar

Na coleção *Ditos e Escritos*, volume IX, com o tema *Genealogia da Ética Subjetividade e Sexualidade*, Foucault situa o aspecto positivo das relações de poder, dizendo que este se faz sempre presente no aspecto relacional da condição humana. À medida que ele existe também existirá a presença contínua da resistência (2014a, p. 138).

A resistência é o que se pode encontrar no interior das relações no qual o poder é exercido, adianta o filósofo, que sem resistência não há relação alguma de poder. Caso houvesse alguma relação de poder, tudo estaria voltado para a obediência e servidão, pois, quando o indivíduo se depara com a situação de não fazer exatamente o que ele busca ou deseja, está incluso aí uma relação de poderio lado a lado com a resistência.

A resistência demarcada por Foucault, não significa apenas dizer não ao que não se quer, ela consiste em um processo de criação, transformar a situação ao qual está inserido, tendo assim, uma participação ativa no processo de transformação, tornando-se um agente vivo e participativo. Tratando-se de saber em que medida a subjetividade dominada pode criar seu próprio discurso, sua própria esfera de ser, de existir, sem estar abarcado pelas dimensões do poder. A resistência não está apenas voltada para o discurso dominante, ela se apoia na realidade, na situação em que há a exclusividade do combate.

Foucault reúne alguns tipos de oposições que demonstram como relações estratégicas de resistência ao poder são formas de lutas transversais, a censura que se fez sobre a profissão médica, não é inicialmente para ser uma tarefa com fim lucrativo, mas exerce sem controle, um poder sobre os corpos, sobre a saúde dos indivíduos, sobre sua vida e consequentemente sua morte (2014a, p. 122).

O poder disciplinar é desempenhado especificamente sobre os corpos e comportamentos, mas o que causa o estranhamento é que o poder no qual estamos evidenciando a disciplina ou o poder disciplinar acontece de forma anônima, não se sabe quem o está exercendo, mas se sabe que há alguém no controle. Pois esta instituição pode ser uma escola, um asilo, uma casa de detenção, uma igreja, uma fábrica etc.

São instâncias de embates que colocam em questão a condição do indivíduo. Por um lado, existe o apontamento, a diferença, a classificação, mantendo o indivíduo em uma cela, sala, ou galpão separado, para cortá-los dos outros, obrigar o indivíduo a se curvar sobre as regras e ligá-lo a mecanismos de disciplinamento.

Essa forma de poder, explicita Foucault (2014a, p. 123), se exerce sobre a vida cotidiana imediata que classifica os indivíduos em categorias, designa-os por sua individualidade própria, impõe-lhes uma lei de verdade que lhes é necessário reconhecer e que os outros devem reconhecer neles. É uma manobra do poder que transforma os indivíduos em sujeitos.

Foucault (2014a, p. 123) ainda esclarece que há dois sentidos para a palavra sujeito. A primeira definição que nos dá é o sujeito submisso ao outro pelo controle e pela dependência, nesta primeira definição se encaixa o sujeito disciplinado, obediente às regras e submisso às normas. O segundo sujeito que nos apresenta Foucault, é o sujeito ligado à sua própria identidade pela consciência ou pelo conhecimento de si, que poderíamos denominá-lo de sujeito ético.

Este sujeito pode travar alguns tipos de lutas, a primeira; as que se opõem as formas de dominação, (étnicas, sociais, e religiosas). Segunda; as que denunciam as formas de exploração que separa o indivíduo do que ele produz. Terceira; as lutas que combatem tudo o que liga o indivíduo a ele mesmo e garante assim sua submissão aos outros (lutas contra a subserviência, contra as diversas formas de subjetividade e de submissão) (FOUCAULT, 2014a, p. 124). Sendo essa última luta que tentaremos aqui nos debruçar.

As lutas contra as formas de sujeição, contra a submissão da subjetividade, prevalecem cada vez mais no regime da atualidade. Pois, pode-se dizer que todos os tipos de sujeição são apenas fenômenos derivados de outros processos econômicos e sociais como: as forças de produção, os conflitos de classes e as estruturas ideológicas que determinam o tipo de subjetividade ao qual se recorre. Esses mecanismos de sujeição levam em conta suas relações com os mecanismos de exploração e de dominação (FOUCAULT, 2014a, p. 124).

A razão pela qual esse tipo de luta tende a prevalecer em nossa sociedade, de acordo com Foucault é devido ao fato de que uma nova forma de poder político se

desenvolveu de maneira contínua a partir do século XVI. Essa estrutura política é o Estado, visto como um tipo de poder que ignora os indivíduos, ocupando-se somente dos interesses de uma classe ou de um grupo de cidadãos escolhidos. É uma forma de poder político globalizante e totalizador que se integrou a uma velha técnica de poder que tinha nascido nas instituições cristãs chamada de poder pastoral (FOUCAULT, 2014a, p. 124-125).

Foucault em suas pesquisas aponta que o cristianismo tinha dado origem a um código de ética fundamentalmente diferente daquele do mundo antigo. Nesse sentido, “o cristianismo propôs e estendeu a todo o mundo antigo novas relações de poder” (2014a, p. 125). Essas palavras de Foucault designam uma maneira de poder bem particular:

1-É uma forma de poder cujo objetivo final é garantir a salvação dos indivíduos em outro mundo.

2-O poder pastoral não é simplesmente uma forma de poder que ordena, ele deve também estar pronto a se sacrificar pela vida e pela salvação do seu rebanho. Nisso ele se distingue, então, do poder soberano, que exige um sacrifício da parte dos seus súditos a fim de salvar o trono.

3-É uma forma de poder que não se preocupa somente com o conjunto da comunidade, mas com cada indivíduo particular, durante toda a sua vida.

4-Enfim, essa forma de poder não pode exercer-se sem conhecer o que acontece na cabeça das pessoas, sem explorar suas almas, sem forçá-las a revelar seus segredos mais íntimos, implica um conhecimento da consciência e uma aptidão a dirigi-la. (FOUCAULT, 2014a, p. 125)

Essa forma de poder é orientada para a salvação, (que fica em oposição ao poder político). Também está em oposição ao princípio da soberania, sendo por esse meio, individualizante ao poder jurídico, ele é coextensivo a vida em seu prolongamento e está ligada a uma produção da verdade, a verdade relacionada ao próprio indivíduo (FOUCAULT, 2014a, p. 125).

O termo poder designa relações entre parceiros, se há relação, há também comunicação, pois “comunicar é certa maneira de agir sobre o outro ou os outros” relações de poder acabam se tornando relações de comunicações (FOUCAULT, 2014a, p. 129). Pois, as técnicas que são utilizadas existem justamente para medir as

capacidades, os jogos das comunicações, fazendo com que as relações de poder se ajustem uns aos outros, seguindo fórmulas refletidas.

Nesse âmbito, o exercício do poder é um modo de ação de alguns sobre outros, e só existe em ato, ele não é da ordem do consentimento. Isso quer dizer que ele não renuncia a sua própria liberdade, não está em sua natureza a manifestação de um consenso. Sendo assim, o que vai caracterizar uma relação de poder, é exatamente uma ação sobre outra ação e não uma ação de violência como percebemos na seguinte citação:

Uma relação de violência age sobre um corpo, sobre coisas: ela força, ela dobra, ela quebra, ela destrói: ela fecha todas as possibilidades; ela não tem, então, junto a ela outro polo, senão o da passividade; e se ela encontrar uma resistência, não tem outra escolha senão empreender reduzi-la. (FOUCAULT, 2014a, p. 132)

Por outro lado, uma relação de poder, voltada para as instituições disciplinares se articula sobre elementos como enquadrar indivíduos em um espaço fechado, seguindo ordens impostas pelas demarcações disciplinares. Sendo o indivíduo reconhecido e mantido para a sua sujeição. E que abre diante dessas relações, todo um campo de reação, efeitos e invenções possíveis.

Esse poder opera no campo das possibilidades em que vem induzir e manipular o comportamento dos sujeitos. O filósofo, mostra-nos o significado da palavra conduta. “A “conduta” é ao mesmo tempo o ato de conduzir os outros, (segundo mecanismos de coerção mais ou menos estritos) é a maneira de se comportar em um campo mais ou menos aberto de possibilidade” (FOUCAULT, 2014a, p. 133).

O exercício mesmo do poder disciplinar consiste em conduzir as condutas, guiar e transformar as aglomerações desordenadas em uma ordem possível para que se possa dessa forma, assim melhor controlar. O poder é analisado em instituições determinadas, elas constituem um observatório privilegiado, no qual, o sujeito é medido, classificado, ordenado, adestrado no espaço de observação constante.

Quando há poder, há também estratégias. A estratégia é designada por Foucault (2014a, p. 138), primeiro, para a efetiva escolha dos meios utilizados para se chegar a um fim. Trata-se da racionalidade posta em ação para atingir um objetivo. Para

constituir a maneira como um parceiro, em um dado jogo, age em função do que ele pensa, ou seja, a maneira como se tenta ganhar do outro.

A outra proposta de Foucault é que a estratégia é utilizada para caracterizar o conjunto dos procedimentos em um dado enfrentamento, ela se define então pela escolha das soluções ganhadoras (2014a, p. 138). Nas relações de poder, a estratégia é o conjunto dos meios ou mecanismos que se utiliza para fazer funcionar ou manter um dispositivo de poder. Ou ainda, quando se constituem modos de ação sobre uma ação possível. Eventualmente advindas dos outros indivíduos inseridos no mesmo espaço de poder.

Mas, quando acontecem relações de poder ligadas a estratégias como pontos de confrontos, há dessa maneira uma insubmissão e indicando assim pontos de resistência. Em suma, “toda estratégia de confronto imagina tornar-se relação de poder; e toda relação de poder se inclina, tanto se ela segue sua própria linha de desenvolvimento quanto se ela se choca com resistências frontais, a tornar-se estratégia ganhadora” (FOUCAULT, 2104a, p. 139).

A cada instante, as relações de poder, podem tornar-se um enfrentamento entre adversários, quando um não se submete ao outro nas instituições sociais, quando o indivíduo não se subordina as regras estabelecidas pelas instituições e busca dessa forma uma estratégia de fuga, acontece assim uma resistência típica e clara ao poder.

O que faz da dominação de um grupo, de uma casta ou de uma classe, e das resistências ou das revoltas um fenômeno central na história das sociedades é que elas se manifestam, sob uma forma global e maciça na escala do corpo social completo, o disparo das relações de resistência sobre as relações estratégicas de poder e seus efeitos de encadeamento recíproco, faz-se na medida em que não há aceitação do que está sendo proposto (FOUCAULT, 2014a, p. 140), mas a busca por algo diferente da realidade declarada.

Nesse ponto, deve-se levar em conta, que para Foucault, o conceito de resistência, é um dos conceitos relevantes que se apresenta no domínio da ética, especialmente em meados da década de 1980. A noção de resistência passa a ser o contra ponto as práticas de sujeição. No entanto, no capítulo seguinte falaremos sobre o aparecimento das instituições disciplinares, apontando suas técnicas e origens.

2 COMPREENDENDO O PODER DISCIPLINAR E O SURGIMENTO DAS INSTITUIÇÕES DISCIPLINARES

Pode-se destacar o surgimento das instituições disciplinares nos séculos XVII e XVIII, quando houve um aumento significativo da população das grandes cidades. Sendo assim, o primeiro objetivo da disciplina se atrela a fixar, organizar os indivíduos nos espaços institucionais. Mostra-nos Foucault (1997: 206) que “a disciplina surge, portanto, como um processo chamado antinomadismo,” porque tem como objetivo fixar o indivíduo dentro de certas funções. Nesse processo de disciplinarização, podemos identificar a expansão da população escolar, a população hospitalizada e o crescimento da produção industrial que cada vez mais se torna um sistema grandioso e complexo.

A disciplina vem com toda força substituir o que era concebido como velho princípio de “retirada violência” que coordenava e direcionava a economia do poder soberano, pelo princípio “suavidade-produção-lucro” (FOUCAULT, 1997, p. 207). Esse princípio deve ser compreendido como técnica funcional que torna possível o ajustamento dos homens a multiplicação dos aparelhos de produção. Entende-se por produção o aparelho de construção do saber, as habilidades mantidas na escola, a manutenção da saúde nos hospitais e a produção de força destrutiva no exército ou da força produtiva nas indústrias.

Dessa forma, muitos processos da relação disciplinar se consolidaram na Modernidade, isso foi observado nos conventos, nos exércitos, nas escolas etc. Sendo assim, nos séculos XVII e XVIII, as disciplinas vieram a se tornar modos de dominação, uma nova forma de poder. Pois, de acordo com Foucault, o momento crucial das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que tem por objetivo aumentar as habilidades deste corpo e torná-lo obediente, dócil e funcional.

Na seção seguinte nos propomos a investigar o estudo de Foucault sobre o significado do poder disciplinar na obra *Vigiar e Punir*, em suas ordens, obrigações, maturações e funcionamento nas instituições sociais, observando também o aspecto da vigilância nas instituições panópticas.

2.1 O significado do Poder Disciplinar na obra *Vigiar e Punir*

Foucault expõe o propósito da obra *Vigiar e Punir* da seguinte forma: “Uma história correlativa da alma moderna e de um novo poder de julgar; uma genealogia do atual complexo científico judiciário onde o poder de punir se apoia, recebe suas justificações e suas regras” (1997, p. 26). Logo, no decorrer do século XVII e XVIII, o poder de punir se apoiará e atingirá a realidade mais concreta dos indivíduos que será o seu corpo, penetrando na sua vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micro-poder, porque está vinculado a relações necessariamente humanas. Em virtude disso, adianta Foucault:

O presente estudo obedece a quatro regras gerais: 1) Não centrar o estudo dos mecanismos punitivos unicamente em seus efeitos “repressivos”, só em seu aspecto de “sanção”, mas recoloca-los nas séries completas dos efeitos positivos que eles podem induzir, mesmo se à primeira vista são marginais. Consequentemente, tomar a punição como uma função social complexa. 2) Analisar os métodos punitivos não como simples consequências de regras de direito ou como indicadores de estruturas sociais; mas como técnicas que tem sua especificidade no campo mais geral dos outros processos de poder. Adotar em relação aos castigos perspectiva da tática política. 3) Em lugar de tratar a história do direito penal e das ciências humanas como duas séries separadas cujo encontro teria sobre uma ou outra, ou sobre as duas talvez, um efeito, digamos, perturbador ou útil, verificar se não há uma matriz comum e se as duas não se originam de um processo de formação “epistemológico-jurídico”; em resumo, colocar a tecnologia do poder no princípio tanto da humanização da penalidade quanto do conhecimento do homem. 4) Verificar se esta entrada da alma no palco da justiça penal, e com ela a inserção na prática judiciária de todo um saber “científico”, não é o efeito de uma transformação na maneira como o próprio corpo é investido pelas relações de poder. Em suma, tentar estudar a metamorfose dos métodos punitivos a partir de uma tecnologia política do corpo onde se poderia ler uma história comum das relações de poder e das relações de objeto. De maneira que, pela análise da suavidade penal como técnica de poder, poderíamos compreender ao mesmo tempo como o homem, a alma, o indivíduo normal ou anormal vieram fazer a dublagem do crime como objetos da intervenção penal; e de que maneira um modo específico de sujeição pôde dar origem ao homem como objeto de saber para um discurso com status “científico”. (FOUCAULT, 1997, p. 26-27)

O corpo está diretamente mergulhado em um campo político e essas relações de poder tem alcance imediatamente sobre ele. O poder o investe, o dirige, o marca e o sujeita a trabalhos, obrigando-o a certas cerimônias e impondo-lhes regras para o seu funcionamento.

Este investimento político do corpo está concatenado a relações complexas e recíprocas à sua utilização econômica e é numa boa proporção, como força de produção, que o corpo passa a ser investido por relações de poder e de dominação, mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele estiver preso num sistema de sujeição, no qual passa a ser um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado. O corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso (FOUCAULT, 1997, p. 28-29).

Foucault observa que essa sujeição age sobre elementos materiais, sem, no entanto, ser violenta, ela é calculada, organizada tecnicamente e pensada, tornando-se útil e não fazendo uso de armas nem do terror como era feito no poder soberano. Esse poder continua a ser de ordem física. Quer dizer que pode haver um “saber” do corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, mas um saber sobre o controle de suas forças que é mais que a capacidade de vencê-las, esse saber e esse controle constituem o que se poderia chamar a tecnologia política do corpo (FOUCAULT, 1997, p. 29).

Essa tecnologia é difusa, raramente formulada em discursos contínuos e sistemáticos, compõe-se muitas vezes de peças ou de pedaços, utiliza um material e processos sem relação entre si. Seria impossível localizá-la, quer num tipo definido de instituição, quer num aparelho do estado. Estes recorrem a ela, utilizam-na, valorizam-na, ou impõe algumas de suas maneiras de agir. Mas ela acaba se situando em nível completamente diferente. Trata-se de uma microfísica do poder posta em jogo por aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca de algum modo entre esses grandes instrumentos de funcionamentos e os corpos com sua materialidade e suas forças (FOUCAULT, 1997, p. 29). Concentra-se o filósofo que:

Ora, o estudo dessa microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não seja atribuído a uma “apropriação”, mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos;

que se desvende nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade, que um privilégio que se pudesse deter; que lhe seja dado como modelo antes a batalha perpétua que o contrato que faz uma cessão ou a conquista que se apodera de um domínio. Temos em suma que admitir que esse poder se exerce mais que se possui, que não é o “privilégio” adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de conjunto de suas posições estratégicas – efeito manifestado e as vezes reconduzido pela posição dos que são dominados. Esse poder, por outro lado, não se aplica pura e simplesmente como uma obrigação ou uma proibição, aos que “não tem”; ele os investe, passa por eles e por meio deles; apoia-se neles, do mesmo modo que eles, em sua luta contra esse poder, apoiam-se por sua vez nos pontos em que ele os alcança. (FOUCAULT, 1997, p. 29)

Alguns aspectos ligados ao que Foucault denomina de microfísica do poder são procedimentos técnicos que realizam um controle detalhado minucioso do corpo, gestos, atitudes, comportamentos, hábitos e discursos. Essa microfísica do poder produzirá o corpo que se precisa, não para supliciá-lo, mas para aprimorá-lo e adestrá-lo. O que interessa para a tecnologia de poder não é expulsar os homens da vida social ou impedir o exercício das suas atividades, mas, gerir suas vidas, controlá-los em suas ações para que seja possível e viável utilizá-los ao máximo, aproveitando suas potencialidades e utilizando um sistema de aperfeiçoamento gradual e contínuo de suas capacidades.

O objetivo passa ser econômico, mas também político, tornar os homens força de trabalho, dando-lhes uma utilidade econômica máxima e também fazendo com que seja reduzida a sua capacidade de revolta, de resistência e luta contra as ordens do poder. Ou seja, tornar os homens dóceis politicamente e úteis.

Os métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade é o que Foucault chama de disciplina (1997, p. 133). Os processos de disciplinamento são antigos, existiam desde muito tempo em algumas instituições arcaicas como os conventos e os exércitos.

Ela se diferencia da escravidão, como explica Foucault, pois não se fundamenta numa relação de apropriação violenta dos corpos, é até a sua elegância que dispensa essa relação custosa obtendo assim efeitos de mais alta utilidade. Distinta também da domesticidade, que é uma relação que possui certa dominação, estabelecida sob a forma

da vontade singular do patrão. Diferente da vassalidade que é uma relação de submissão altamente codificada, que se realiza menos sobre as operações do corpo que sobre os produtos do trabalho e as marcas rituais da obediência, ela ainda irá ser discordante das “disciplinas” de tipo monástico, que tem por função realizar renúncias mais do que aumentos de utilidade (1997, p. 133).

A disciplina funciona com pequenas astúcias dotadas de um grande poder de difusão de arranjos sutis, de aparência inocente. É um dispositivo¹ que obedece a economias inconfessáveis, ou que procura coerções sem grandezas. Descrever a disciplina implica chegar à economia do detalhe e na atenção a minúcias, colocar o indivíduo dentro do funcionamento e na coerência de uma tática. Pois, de acordo com Foucault:

Em todo caso, o “detalhe” era já há muito tempo uma categoria da teologia e do asceticismo: todo detalhe é importante, pois aos olhos de Deus nenhuma imensidão é maior que um detalhe, e nada há tão pequeno que não seja querido por uma dessas vontades singulares. Nessa grande tradição da eminência do detalhe viriam se localizar, sem dificuldade, todas as meticulosidades da educação cristã, da pedagogia escolar ou militar, de todas as formas, finalmente de treinamento. Para o homem disciplinado, como para o verdadeiro crente, nenhum detalhe é indiferente, mas menos pelo sentido que nele se esconde que pela entrada que aí encontra o poder que quer apanhá-lo. (FOUCAULT, 1997, p. 135)

Em cada instituição disciplinar é colocado à minúcia dos regulamentos, o olhar das inspeções e o controle das pequenas parcelas da vida, uma racionalidade econômica e técnica é estabelecida para que haja assim, o cálculo constante dos envolvidos. Uma observação precisa do detalhe, e ao mesmo tempo um enfoque político dessas pequenas coisas para que aconteça o controle e a utilização dos homens, através de todo um

¹ 1) O dispositivo é a rede de relações que pode ser entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, regramentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, o dito e o não dito. 2) O dispositivo estabelece a natureza do nexo que pode existir entre esses elementos heterogêneos. Por exemplo, o discurso pode aparecer como programa de uma instituição, como um elemento que pode justificar ou ocultar uma prática, ou funcionar como uma interpretação a posteriori dessa prática, oferecer-lhe um campo novo de racionalidade. 3) Trata-se de uma formação que, em um momento dado, teve por função responder a uma urgência. O dispositivo tem, assim, uma função estratégica. Por exemplo, a reabsorção de uma massa de população flutuante que era excessiva para uma economia mercantilista. Tal imperativo estratégico serviu como a matriz de um dispositivo que se converteu pouco apouco no controle – sujeição da loucura, da doença mental, da neurose. 4) Além da estrutura de elementos heterogêneos, um dispositivo se define por sua gênese. A esse respeito, Foucault distingue dois momentos essenciais. Um primeiro momento do predomínio do objetivo estratégico; um segundo momento, a constituição do dispositivo propriamente dito (CASTRO, 2016, p. 124).

conjunto de técnicas, todo um corpo de processos e de saber, de descrições, de receitas e dados que vai se fabricando e construindo o homem da modernidade.

O corpo do homem segue um regime que Foucault denomina de anátomo-cronológico do comportamento. O ato é decomposto em seus elementos; é definida a posição do corpo, dos membros, das articulações, pois, para cada movimento é determinada uma direção, uma amplitude, uma duração; é prescrita sua ordem de sucessão. O tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder (1997, p. 146). Nesse sentido, segue-se a presente citação:

Temos aí um exemplo do que se poderia chamar a codificação instrumental do corpo. Consiste em uma decomposição do gesto global em duas séries paralelas: a dos elementos do corpo que serão postos em jogo (mão direita, mão esquerda, diversos dedos das mãos, joelho, dedo, cotovelos, etc.); a dos elementos do objeto manipulado (cano, alça de mira, cão, parafuso, etc.); coloca-os depois em correlatos uns com os outros segundo um certo número de gestos simples (apoiar, dobrar); finalmente fixa a ordem canônica em que cada uma dessas correlações ocupa um lugar determinado. A essa sintaxe forçada é que os teóricos militares do século XVIII chamavam “manobra”. A receita tradicional dá lugar a prescrições explícitas e coercitivas. Sobre toda a superfície de contato entre o corpo e o objeto que o manipula, o poder vem se introduzir, amarra-os um ao outro. Constitui um complexo corpo-arma, corpo-instrumento, corpo-máquina. Estamos inteiramente longe daquelas formas de sujeição que só pediam ao corpo sinais ou produtos formas de expressão ou resultado de um trabalho. A regulamentação imposta pelo poder é ao mesmo tempo a lei de construção da operação. E assim aparece esse caráter do poder disciplinar: tem uma função menos de retirada que de síntese, menos de extorsão do produto que de laço coercitivo com o aparelho de produção. (FOUCAULT, 1997, p. 148)

Observa-se que, em uma relação de soberania, o soberano recolhe produtos, colheitas, objetos fabricados, armas, força de trabalho. É preciso haver uma conquista, uma vitória, um ato de submissão. Isto é, um ato firmado entre o soberano que concede privilégios, uma ajuda, uma proteção, e alguém que em compensação se empenha em sua submissão.

Essas relações de soberania (FOUCAULT, 2006b, p. 54) são perpétuas relações de diferenciação, mas não são relações de classificação; elas não constituem um quadro hierárquico unitário com elementos subordinados, elementos superordenados. A soberania pode ter por objeto de poder, não as multiplicidades humanas, mas sim, uma

terra, uma estrada, um instrumento de produção. Isto é, o elemento-sujeito não é o indivíduo ou um corpo individual como se faz na disciplina, mas está acima da individualidade corporal.

Por outro lado, a disciplina regulamenta tudo, ela não deixa escapar nada, seu princípio girará em torno de não deixar escapar o mínimo possível, tudo deve ser visto e analisado, o corpo do indivíduo deve ser treinado para exercer dada função. A criança deve ser vigiada no seu momento de alfabetização, o doente deverá ser classificado e colocado em ambiente específico de acordo com o grau de sua doença e seu contágio, logo, tudo deve ser filtrado, avaliado e classificado a ponto de ter um melhor rendimento.

A disciplina irá se caracterizar por ter havido uma descoberta do corpo como objeto e também como alvo de poder, a atenção foi direcionada ao “corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil e cujas forças se multiplicam” (FOUCAULT, 1997, p. 132). Ou seja, com esse dispositivo de poder a vigilância irá se dirigir diretamente ao corpo do indivíduo.

Quando os homens são colocados em série dentro de uma instituição social é permitido todo um investimento da duração pelo poder: possibilidade de um controle detalhado e de uma intervenção pontual (de diferenciação, de correção, de castigo e de eliminação), pois a cada momento do tempo há possibilidade de caracterizar e de utilizar os indivíduos de acordo com o nível da cada um. O poder se articula também com o tempo, realiza o controle dele e garante a sua utilização (FOUCAULT, 1997, p. 154).

Os procedimentos que são feitos pela disciplina, revela um tempo cujos momentos se integram uns nos outros, e que se orienta para um ponto terminal e estável. Em suma, o tempo é colocado como evolutivo, lembrando que no momento as técnicas administrativas e econômicas de controle manifestavam um tempo social de tipo serial, orientado e cumulativo: descoberta de uma evolução em termos de progresso. As técnicas disciplinares, por sua vez fazem emergir séries individuais, descoberta de uma evolução em termo de gênese. Progresso das sociedades, gênese dos indivíduos, essas duas descobertas de Foucault do século XVIII são correlatas das novas técnicas de poder, de uma nova maneira de gerir o tempo e torná-lo útil (1997, p. 154). O poder disciplinar também lida com imperativos de adestramentos:

Adestrar corpos vigorosos, imperativo de saúde; obter oficiais competentes, imperativo de qualificação; formar militares obedientes, imperativo político; prevenir a devassidão e a homossexualidade, imperativo de moralidade. Quádrupla razão para estabelecer separações estanques entre os indivíduos, mas também abertura para observação contínua. (FOUCAULT, 1997, p. 166)

Em *Vigiar e Punir*, na terceira parte que se intitula *Disciplina* Foucault vai tratar dos corpos dóceis, no qual elenca alguns itens. No primeiro momento, fala sobre: *A arte das distribuições*: “A disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço. Para isso utiliza diversas técnicas” (FOUCAULT, 1997, p. 137-138). Na primeira, exige um local fechado em si mesmo, protegido da monotonia, no qual possa colocar: alunos, vagabundos, miseráveis, loucos etc. Na segunda, é requerido o princípio da localização imediata ou do quadriculamento. Significa que cada pessoa tem seu próprio lugar, para que possa facilitar a vigilância, mediar às qualidades e utilizar o máximo de forças possíveis.

Em terceiro fica estabelecida a regra das localizações funcionais, em cada lugar, fica um dado indivíduo como acontece nos hospitais para que seja determinado um espaço no qual haja vigilância e seja capaz de romper as comunicações perigosas. No quarto item a disciplina vai tratar dos elementos intercambiáveis, cada um irá se definir pelo lugar que ocupa na série e pela distância que se separa uns dos outros na fila. A disciplina se definirá também pelo controle das atividades e este tem as suas subdivisões (1997, p. 139-140).

Já no controle das atividades está presente como o primeiro item o horário. Os três grandes processos são: estabelecer as cesuras, obrigar a ocupações determinadas, regulamentar os ciclos de repetição que foram encontradas desde muito cedo nos colégios, nas oficinas e nos hospitais. O horário segue como elemento fundamental, sendo através dele feito todo um quadro de repartições de atividades específicas.

Na elaboração temporal do ato, nesse âmbito é definida a posição do corpo, das articulações, o tempo irá penetrar automaticamente no corpo e com ele vai acontecendo todo o conjunto de controle através de um esquema do horário/tempo sobre o corpo (FOUCAULT, 1997, p. 146).

O corpo e o gesto postos em correlação significa que há uma melhor relação entre um gesto e a atitude global do corpo, pois já se sabe que “no bom emprego do corpo que permite um bom emprego do tempo” (FOUCAULT, 1997, p.147). Um corpo bem disciplinado é aquele que possui o gesto bem definido e a obediência estabelecida. Neste caso, na articulação corpo-objeto, mostra-se a relação que se tem com o objeto que se manipula. Por exemplo, quando o soldado pega a arma é estabelecida uma ordem de sucessão de seus movimentos, seguindo as regras impostas pelo comando disciplinar.

Ao se tratar do controle da atividade, está presente a utilização exaustiva do corpo. Neste elemento é proibido perder tempo, e o seu princípio se baseia na não ociosidade, isto é, extrair do tempo mais instantes e de cada instantes mais força útil. A organização das gêneses se ramifica em: “Dividir a duração em segmentos sucessivos e paralelos, dos quais cada um deve chegar a um tempo específico” (FOUCAULT, 1997, p. 152), quer dizer decompor o tempo em sequência, separado e ajustado, ensinando aos indivíduos pouco a pouco, a postura que se deve ter. No caso do soldado o manejo com a arma, pois acaba sendo um erro ensinar todos os exercícios ao mesmo tempo, pois, pode ocorrer o risco de não haver aprendizado.

Na sequência, organiza-se um esquema analítico, mantendo a sucessão de elementos simples combinando de acordo com uma complexidade crescente. Exemplificando gestos, a posição que se é tomada nos dedos, a maneira como flexiona as pernas e efetuando também um treinamento geral da força e da habilidade. Para finalizar esses segmentos temporais de modo que possa fixar o termo marcado por uma prova, é preciso ter a função de indicar se o indivíduo atingiu o nível que se deseja. No caso escolar, garantir que sua aprendizagem esteja em conformidade com a dos outros, e possa também diferenciar as capacidades de cada um (FOUCAULT, 1997, p. 152). A disciplina estabelece a ordem dos seus mecanismos. Isto é, prescreve a cada um, de acordo com seu nível e seu posto, os exercícios que lhe convém, de maneira que cada indivíduo possa ser definido em nível e categoria.

A composição das forças estabelecidas por Foucault se divide em três camadas. Primeira: O corpo singular se torna um elemento, que se pode mover articular com outros, sua coragem ou força não são mais as variáveis principais que o definem, mas o lugar que ele ocupa. O segundo consiste em colocar o corpo como uma peça de uma máquina multissegmentar. A disciplina combina várias peças da máquina-corpo para

formar finalmente aquilo que se pretende. O terceiro elemento vai tratar da combinação cuidadosa para que se consiga chegar ao comportamento desejado (FOUCAULT, 1997, p. 158). E nesse enlace chegaremos à origem e aparição da disciplina como forma de dominação e como tecnologia de poder. No item seguinte trataremos sobre o surgimento da disciplina na sociedade e nas instituições sociais.

2.2 O aparecimento da Disciplina na Sociedade e em suas Instituições

A invenção da disciplina, dessa nova anatomia política, não deve ser entendida como uma descoberta súbita, mas como uma multiplicidade de processos diversas vezes mínimos, de origens diferentes, de localizações espalhadas. Foi encontrada em funcionamento nos colégios desde muito cedo, nos espaços hospitalares e também nas organizações militares (FOUCAULT, 1997, p. 134). Ela se utiliza de técnicas sempre minuciosas, para investir de maneira detalhada no corpo, com o propósito de torná-lo totalmente eficiente para a manutenção da sociedade ao qual estamos inseridos.

A disciplina é uma técnica de exercício de poder que foi não inteiramente inventada, mas elaborada em seus princípios fundamentais durante o século XVIII. Historicamente as disciplinas existiam há muito tempo, na idade média e mesmo na Antiguidade. Os mosteiros são um exemplo de região, domínio no interior do qual reinava o sistema disciplinar. A escravidão e as grandes empresas escravistas existentes nas colônias espanholas, inglesas, francesas, holandesas etc., eram modelos de mecanismos disciplinares. Pode-se recuar até a Legião Romana e, lá, também encontrar um exemplo de disciplina. Os mecanismos disciplinares são, portanto, antigos, mas existiam em estado isolado, fragmentado, até os séculos XVII e XVIII, quando o poder disciplinar foi aperfeiçoado como uma nova técnica de gestão dos homens. Fala-se, frequentemente, das invenções técnicas do século XVIII – as tecnologias químicas, metalúrgicas etc. – mas, erroneamente, nada se diz da invenção técnica dessa nova maneira de gerir os homens, controlar suas multiplicidades, utilizá-las ao máximo e majorar o efeito útil de seu trabalho e sua atividade, graças a um sistema de poder suscetível de controlá-los. Nas grandes oficinas que começam a se formar, no exército, na escola, quando se observa na Europa um grande progresso da alfabetização, aparecem essas novas técnicas de poder que são umas das grandes invenções do século XVIII. (FOUCAULT, 1979, p. 105)

Nas várias instituições disciplinares, vemos que aparecem nelas uma arte de distribuição dos indivíduos. No exército do século XVII havia um amontoado de pessoas sem a sua devida organização e classificação. Já a partir do século XVIII, ao contrário, quando o soldado recebe um fuzil ele é obrigado a se posicionar corretamente em um lugar em que aumente a sua eficácia: “A disciplina no exército começa no momento em que se ensina o soldado a se colocar, se deslocar e estar onde for preciso” (FOUCAULT, 1979, p. 106).

A disciplina é antes de tudo, o exame preciso do corpo no espaço, a inserção dos indivíduos em um recinto no qual possa ser classificado, observado, analisado e adestrado. Neste campo de investigação para que possa ser construída uma arte do corpo humano, começa-se a observar de que maneira os gestos são feitos, qual o mais eficaz, e qual o mais rápido e melhor possa ser ajustado ao que se deseja alcançar.

Foucault nos diz que para haver o funcionamento da disciplina é necessário distribuir os indivíduos utilizando diversas técnicas, sendo que uma das primeiras técnicas refere-se à determinação de um local heterogêneo, composto de partes de diferentes naturezas, no qual se consiga enquadrar singularidades de todos os lados. Usando mecanismos que possam permitir o controle das operações do corpo, que assegurem a sujeição constante de suas forças e lhe impõe uma relação de docilidade movida para a utilidade.

O que se observa nestes lugares fechados, é o estabelecimento da presença e da falta de cada ser individualmente, saber onde e como encontrá-lo, poder vigiá-lo para modelar a sua conduta, medir as suas qualidades, seus méritos, conhecer assim o seu modo de ser. Neste sentido, a lógica é simples: esquadrihar o indivíduo para logo em seguida dominar e utilizar de maneira eficiente o controle constante de suas forças corporais (FOUCAULT, 1997, p. 138).

Deve-se considerar que as localizações funcionais nas instituições disciplinares não deixam o espaço livre no âmbito de sua arquitetura, os lugares que são usados se definem não só para fazer cumprir com a necessidade de vigiar e controlar, mas para criar um espaço que seja útil. Observemos o regime de conduta nos hospitais militares e marítimos da França:

Parece que Rochefort servia de experiência e de modelo. Um porto, e um porto militar, é, com circuitos de mercadorias, de homens de

alistado por bem ou à força, de marinheiros embarcando e desembarcando, de doenças e de epidemias, um lugar de deserção, de contrabando, de contágio: encruzilhadas de misturas perigosas, cruzamentos de circulações proibidas. O hospital marítimo deve então cuidar, mas por isso mesmo deve ser filtro, um dispositivo que afixa e quadricula; tem que realizar uma apropriação sobre toda essa mobilidade e esse formigar humano, decompondo a confusão da ilegalidade e do mal. A vigilância médica das doenças e dos contágios é aí solidária de toda uma série de outros controles: militar sobre os desertores, fiscal sobre as mercadorias, administrativo sobre os remédios, as rações, os desaparecimentos, as curas, as mortes, as simulações. Donde a necessidade de distribuir e dividir o espaço com rigor. (FOUCAULT, 1997, p.139)

Tal descrição parece assim sinalizar com muita eficiência como os hospitais demarcam e individualizam os corpos. Isto é, são definidos espaços para cada doente, sendo posta a disciplina no sentido das regras estarem anexadas ao próprio funcionamento do hospital em si mesmo. O autor ressalta que nasce da disciplina um espaço útil do ponto de vista médico, em que é estabelecido o controle dos medicamentos, a criação de um sistema para verificar a quantidade de doentes, quem são esses doentes e de onde vieram.

Para tanto, nos espaços hospitalares os enfermos são obrigados a ficar em salas e seus nomes são expostos para facilitar a localização. Caso haja doença contagiosa, será mantido em um quarto isolado dos demais pacientes. Pois, o espaço hospitalar tende a individualizar os corpos, as doenças, os sintomas, as vidas e consequentemente as mortes.

O poder disciplinar não é descontínuo, ao contrário, ele implica um procedimento de controle contínuo, nesse sistema não se está eventualmente à disposição de alguém, e sim, está perpetuamente sob o olhar de alguém ou, em todo caso, na situação de ser olhado. Para a disciplina manter sempre esse controle, é necessário levar a utilização de um instrumento como a escrita, para garantir anotação e o registro de tudo o que acontece, de tudo que o indivíduo faz, de tudo o que ele diz, de tudo o que ele produz para em seguida transmitir a informação ao longo da escala hierárquica. Em consequência disso, observa-se Foucault:

Para que o poder disciplinar seja global e contínuo, o uso da escrita me parece absolutamente necessário, e parece-me que se poderia

estudá-lo da maneira como, a partir dos séculos XVII e XVIII, se vê, tanto no exército como nas escolas, nos centros de aprendizagem, igualmente no sistema policial ou judiciário, etc., como os corpos, os comportamentos, os discursos das pessoas são pouco a pouco investidos por um tecido de escrita, por uma espécie de plasma gráfico que os registra, os codifica, os transmite ao longo da escala hierárquica e acaba centralizando-os. Vocês tem aqui uma relação nova, creio, relação direta e contínua da escrita com o corpo. A visibilidade do corpo e a permanência da escrita andam juntas e têm evidentemente por efeito o que poderíamos chamar de individualização esquemática e centralizada. (FOUCAULT, 2006b, p. 61)

A escrita mantém uma forma de poder que se enquadra no registro contínuo, todas as atividades desenvolvidas pelo ser disciplinado devem necessariamente ser anotadas, para que haja o acompanhamento do quadro de atuação do indivíduo no espaço disciplinar.

Podemos apresentar o exemplo da disciplina operária. É característico que nos contratos assinados pelos operários ficasse claro que deviam concluir seu trabalho antes de determinada época ou dar tantos dias de trabalho ao seu patrão. Se o trabalho não fosse terminado ou se a quantidade de dias não tivesse sido dada, o operário tinha que dar o equivalente do que faltava, seja acréscimo de certa quantidade de trabalho, ou mesmo certa quantidade de dinheiro. Era um sistema punitivo que funcionava com base no que tinha efetivamente acertado, seja como prejuízo ou como falta.

No poder disciplinar o princípio de distribuição e classificação de todos os elementos implica necessariamente um resíduo, ou seja, sempre haverá algo como o inclassificável, como o que não se adequa as regras, o anormal que não se encontra dentro dos princípios estabelecidos pela disciplina.

O ponto maior desses mecanismos disciplinares é quando classificam, hierarquizam e vigiam. Porém, os que não podem ser classificados, os que escapam ao funcionamento da vigilância, será o resíduo, o irreduzível, o inclassificável e o inassimilável, ou seja, haverá sempre aquele que por não se enquadrar, ficará nas margens do poder disciplinar.

Nesta tecnologia de poder, a função sujeito (FOUCAULT, 2006b, p. 69) vem se ajustar exatamente a singularidade somática: o corpo, seus gestos, seu lugar, suas mudanças, sua força, seu tempo de vida e seus discursos. E a propriedade fundamental

desse poder é fabricar corpos sujeitados, o indivíduo passa a ser senão um corpo manipulado regido por normas firmes no processo de disciplinarização.

A disciplina consiste em maximizar a utilização possível dos homens, torná-los aproveitáveis para que se transformem em forças individuais de trabalho, mas também para que possa permitir a aplicação do tempo de trabalho, do tempo de aprendizagem, de aperfeiçoamento, do tempo de aquisição dos saberes e das aptidões, no qual esse tempo além de ser medido, deve ser também verificado e analisado para que haja o uso com a sua melhor eficácia e o seu melhor aproveitamento.

A disciplina é uma tática (FOUCAULT, 2006b, p. 91) isto é, certa maneira de distribuir as singularidades de acordo com um esquema classificatório, distribuí-las espacialmente para possibilitar acumulações temporais que possam estar efetivamente no nível da atividade produtora com a sua total eficiência. Dessa forma:

Distribuir os homens segundo essas necessidades implicava não mais uma taxonomia, mas uma tática; essa tática tem por nome “disciplina”. As disciplinas são técnicas de distribuição dos corpos, do tempo, das forças de trabalho. E são essas disciplinas, precisamente com essas táticas, com o vetor temporal que elas implicam, que irromperam no saber ocidental no correr do século XVIII e que remeteram a velhas taxonomias, modelos de todas as ciências empíricas, para um campo de um saber em desuso e, em todo caso, talvez até inteira ou parcialmente desconsiderada. A tática substituiu a taxonomia e, com ela, o homem, o problema do corpo e o problema do tempo, etc. (FOUCAULT, 2006b, p. 91)

A tática se configura exatamente por se constituir como estratégias usadas para haver o funcionamento da disciplina, todo o conjunto de regras para o seu bom desempenho e andamento. Ordenar para ser útil, diferenciar e nivelar, levando em conta procedimentos de comparação, para a manobra e a efetivação constante do poder.

Quando Foucault também comenta sobre as fábricas no fim do século XVIII, é salientando a necessidade de haver nelas a distribuição dos indivíduos no espaço no qual seja possível isolá-los e localizá-los, promovendo a produção em maior escala.

Com este propósito, é preciso fazer a distribuição dos corpos, organizar o espaço dos aparelhos de produção e as variadas maneiras de atividades na localização, para que

seja possível assim efetuar uma vigilância global e individual. No que concerne ao funcionamento das sociedades disciplinares, é preciso comprovar a forma como o operário trabalha, se realmente o seu trabalho tem qualidade ou não, para que depois possa compará-lo com aquele que se adequa ou não ao regime de trabalho. Quem produzir mais acabará sendo qualificado através de recompensas. A recompensa será o motor da sua força, de seu vigor, de sua rapidez, e de outras habilidades que poderão vir a ser desenvolvidas.

Assim, nos aparelhos disciplinares os indivíduos se definem pelo lugar que ocupam seguindo uma ordem. Essa unidade será a posição na qual a singularidade ocupa na fila, no mero registro de trabalho, na referência do leito em um hospital, no número de lista de chamada na escola. Sobremaneira, a disciplina individualiza corpos, pessoas e faz com que aconteça uma distribuição desses indivíduos numa rede de relações. Outro exemplo que Foucault nos oferece acerca da abrangência da disciplina na sociedade, faz referência às relações escolares:

A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios; colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e cada prova; colocação que ele obtém de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano; alinhamento das classes de idade umas depois das outras; sucessão dos assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem em dificuldade crescente. E, nesse conjunto de alinhamentos obrigatórios, cada aluno segundo sua idade, seus desempenhos, seu comportamento, ocupa ora uma fila, ora outra (...) que marcam uma hierarquia do saber ou das capacidades, outras devendo traduzir materialmente no espaço da classe ou do colégio essa repartição de valores ou dos méritos. (FOUCAULT, 1997, p. 141 – 142)

O modelo de um espaço serial ou de um espaço ordenado foi uma mudança técnica no ensino para determinar com mais objetividade os lugares individuais, deixando mais nítido o controle constante de cada aluno, fazendo funcionar o espaço voltado para a escola, como uma máquina de ensinar. Mas não somente de ensinar e sim de vigiar, de hierarquizar e de ordenar.

Foucault nos apresenta no livro *Vigiar e Punir* um exemplo de Jean Baptiste de La Sale no qual visualizava uma sala de aula em que fosse possível haver toda uma série

de diferenciações, tais como: o nível de progresso ou não dos alunos, a capacidade intelectual de cada aluno, o temperamento, os atributos físicos, a posição social dos seus pais etc. Então, de certa maneira, a sala de aula formaria um grande aparelho visualizador, no qual seria possível classificar e ordenar cada aluno ali presente. Tal situação é descrita da seguinte maneira:

Haverá em todas as salas de aula lugares determinados para todos os escolares de todas as classes, de maneira que todos da mesma classe sejam colocados no mesmo lugar e sempre fixo. Os escolares das lições mais adiantadas serão colocados nos bancos mais próximos da parede e em seguida os outros, segundo a ordem das lições, avançando para o meio da sala [...] cada um dos alunos terá seu lugar marcado e nenhum o deixará nem trocará sem a ordem e o consentimento do inspetor das escolas. Será preciso fazer com que aqueles cujos pais são negligentes e tem piolhos fiquem separados dos que são limpos e não os têm; que um escolar leviano distraído seja colocado entre dois bem comportados e ajuizados, que o libertino ou fique sozinho ou entre dois piedosos. (LA SALLE, 1759, p. 248 *apud* FOUCAULT, 1997, p. 142)

Dessa forma, o poder disciplinar gerencia os lugares, as fileiras, criando espaços que são funcionais, porque cumprem com o objetivo proposto de hierarquizar, já que dentro desse ambiente é estabelecida uma ordem de sucessão e de coordenação arquitetural demarcando em si mesmo a estrutura do funcionamento da disciplina, ou seja, a maneira como esses campos são criados, já são postos para observar o todo sem haver necessidade nenhuma da presença do observador. A disciplina também acaba se constituindo de “quadros vivos”, pois possui o objetivo de transformar uma grande quantidade de pessoas confusas, desordenadas em um conjunto de indivíduos ordenados e organizados. Nesse sentido, segue-se:

O quadro, no século XVIII, é ao mesmo tempo uma técnica de poder e um processo de saber trata-se de organizar um múltiplo, de se obter um instrumento para percorrê-lo e dominá-lo; trata-se de lhe impor uma “ordem” (FOUCAULT, 1997, p. 143).

O método da disciplina é, contudo, tratar a multidão por ela mesma, distribuir e tirar dessa multiplicidade o maior número possível de efeitos. Diante disso, a disciplina

vai do singular ao múltiplo, do múltiplo ao singular; uma via de mão dupla que faz com que a relação de controle aconteça.

Entretanto, devemos ressaltar previamente que esse poder é de tal modo silencioso e modesto, que está incluído até nos mínimos detalhes na organização institucional sem que disso nos apercebamos. Foucault, com a análise dessa teia organizacional, pretende destacar e sinalizar alguns indícios para que possamos identificar esta nova forma de poder.

A disciplina tem seu discurso próprio, é criadora de aparelhos de saber e de campos múltiplos de conhecimento, é portadora de um discurso que não é o do direito. O enunciado da disciplina é alheio ao da lei como efeito da vontade soberana, ela trará uma sentença que será a da regra, isto é, da norma. Há definição de um código que será feito através da normalização (FOUCAULT, 1999a, p. 45).

Foucault cita no livro: *Em defesa da sociedade* quatro procedimentos realizados pelo poder disciplinar, são eles: seleção, normalização, hierarquização e centralização (1999a, p. 217). O século XVIII em acordo com o filósofo foi o momento do disciplinamento dos saberes, que permite selecionar o falso saber do saber verdadeiro. Aponta assim, formas de normalização e também modos de hierarquização, ou seja, uma organização interna de centralização desses saberes em torno do estado panorâmico que é a disciplina. Nesse sentido, observemos a seguinte citação: “A universidade tem, sobretudo uma função de seleção, não tanto das pessoas (afinal de contas, isso não é muito importante, essencialmente), mas dos saberes” (FOUCAULT 1999a, p. 219).

O autor vem nos mostrar o saber que não se encontra institucionalizado, que não vem de uma determinada instituição, que não passou por uma universidade, o saber em seu estado selvagem, nascido alhures, este se vê automaticamente, logo de saída, excluído, ou pelo menos desclassificado. Como o mesmo apresenta na seguinte citação:

Papel de seleção da universidade, seleção dos saberes; papel de distribuição do escalonamento, da qualidade e da quantidade dos saberes em diferentes níveis; esse é o nível do ensino, com todas as barreiras que existem entre os diferentes escalões do aparelho universitário; papel de homogeneização desses saberes com a constituição de uma espécie de comunidade científica com estatuto reconhecido; organizado de um consenso; e enfim, centralização mediante o caráter direto ou indireto, de aparelhos de estados.

Compreende-se o aparecimento, pois, de algo como a universidade, com seus prolongamentos suas fronteiras incertas, no início do século XIX, a partir do momento em que, justamente, se operou esse pôr em disciplina os saberes, esse disciplinamento dos saberes. (FOUCAULT, 1999a, p. 219)

A partir do momento em que ocorre o controle na estrutura dos saberes, acarreta a exclusão de certos números de enunciados, pois está sendo implantado a ordenação, classificação e seleção, os que são considerados conformes e os que não são considerados conformes, os que são aceitáveis, dos que não são aceitáveis. A disciplina controla e regula a veracidade dos enunciados.

Quando se trata da formação de um sujeito obediente, que vai se tornando hábil, aumentado as suas potencialidades corporais, direcionados ao ensino, ao tratamento psiquiátrico, a produção econômica, ao treinamento militar. Esse sujeito está basicamente inserido em uma tecnologia disciplinar, que são exercícios gerenciados por relações de forças que se fazem presente na sociedade capitalista.

Ora, o poder disciplinar, permanece retido na observação do mínimo detalhe, nada escapa aos seus olhos, cada movimento, atitude e conversa não se escorrem de maneira obscura a esse poder, pois ele possui instrumento próprio que garante a sua devida eficiência. O corpo só se torna força de trabalho quando trabalhado pelo sistema político de dominação característico pelo poder disciplinar. Ao pegar uma multiplicidade desordenada e ordenar, o indivíduo acaba emergindo como alvo desse poder, pois está neste momento deixando suas características naturais para incorporar características artificiais e planejadas para determinado fim. E levando em consideração esses aspectos, segundo Foucault:

Vocês vêem, nos regulamentos de oficina que são distribuídos nessa época, vigiado o comportamento dos operários uns em relação aos outros, seus atrasos, suas ausências computadas; vocês também vêem tudo que pode ser distraído ser punido. Num regulamento dos Gobelins, por exemplo, datado de 1680, chega a ser especificado que quem cantar enquanto trabalha tem de cantar em voz baixa o bastante para não incomodar quem está ao seu lado. Vocês encontram regulamentos em que é dito que, ao voltar do almoço ou do jantar, não se deve contar piadas picante, porque elas distraem os operários e, assim eles não podem ter a tranquilidade de espírito necessária para trabalhar. Pressão contínua, desse poder disciplinar que não tem por

objeto a falta, o prejuízo, mas a virtualidade do comportamento. (FOUCAULT, 2006b, p. 65)

A disciplina só existe na medida em que há uma multiplicidade e um fim, ou um objetivo e um resultado a obter a partir dessa pluralidade de indivíduos. A disciplina escolar, a disciplina militar, a disciplina nas fábricas, a disciplina operária. Todas elas formam uma determinada maneira de administrar a diversidade humana, de organizá-la, de estabelecer seus pontos de implantação e garantir a sua devida ordenação.

O mecanismo da disciplina codifica também o permitido e o proibido, uma boa disciplina é aquela que lhe diz a cada instante o que você deve fazer, e o que não deve fazer. A vida monástica é um exemplo de disciplina. Na vida monástica o que o monge faz é inteiramente regulado, dia e noite, e a única coisa indeterminada é o que não se diz. No sistema de regulação disciplinar o que é determinado é justamente o que se deve fazer. Através da norma disciplinar é possível distinguir o normal do anormal e realizar assim o seu devido adestramento (FOUCAULT, 2008a, p. 60).

Na seção seguinte trataremos do princípio geral que vê a todos e ninguém o vê. Chama-se ao mesmo tempo de olho do poder. Seu modelo arquitetônico foi descrito por Bentham, como uma construção que serve para enquadrar qualquer indivíduo inserido em uma instância de poder de ordem disciplinar. Pode ser colocado um louco, um escolar, um doente, um operário que o mesmo será visto, mas não saberá quem o está vendo e exercendo a observação.

2.3 Panóptico e o Espaço Vigiado

Os dois fundamentos do edifício Panóptico são: a posição central da vigilância e sua total visibilidade que assegura o funcionamento dessa engrenagem de poder, fazendo com que o olhar vigilante seja permanente, mesmo sem saber quem está no controle do poder sendo ele visível e inverificável, visível porque o detento terá diante dos olhos a alta torre central de onde é espionado. Inverificável, porque o detento nunca deve saber o exato momento que estará sendo observado, mas deve ter certeza de que sempre poderá sê-lo, comenta Foucault:

O Panóptico de Bentham é a figura arquitetural dessa composição o principio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre: esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário, ou um escolar. Pelo efeito da contra luz pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativa nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator esta sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo Panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente [...]. (FOUCAULT, 1997, p. 190)

Analogamente, o panoptismo constitui-se então de unidades espaciais que torna possível ver sem interrupção e reconhecer instantaneamente os indivíduos, pois ele funciona deixando solta a luz para poder existir o olhar vigilante e observar atentamente os vigiados. Assim, a visibilidade torna-se uma armadilha na medida em que o operário, o preso, o doente está exercendo uma dada ação e todos os seus movimentos são observados para que depois possam ser disciplinados. No caso das prisões, cada indivíduo está fechado em sua cela, ele é visto pelo vigia, mas, esse mesmo indivíduo não consegue ver o vigia que está lhe observando. Ou seja, o móvel do poder é “ver sem ser visto”. Neste sentido, os encarcerados não conseguem entrar em contato com os demais por haver um muro que interrompe a comunicação, logo eles ficam de certa forma isolados, retidos em determinado espaço.

O objetivo da arquitetura panóptica varia de acordo com a instituição: se for na prisão, não há possibilidade de formação de grupos para programar um crime ou exercer má influência sobre os outros; se for no hospital, o espaço é vigiado para que não haja contágio entre os doentes; se for na escola, não haverá barulho nem conversas paralelas que dissipem o que está sendo mencionado e ensinado.

Quando se faz uma observação acerca do ponto de vista do vigia e do vigiado, haverá duas concepções possíveis para Foucault: a primeira concepção, parte do ponto de vista do vigia, em que a multiplicidade de indivíduos significa algo enumerável, que se pode localizar com facilidade e controlar; a segunda concepção, em acordo com a ótica dos vigiados, eles sofrem uma solidão que ao mesmo tempo é sequestrada, roubada e observada, sem que muitas vezes possam identificar esta espécie de vigilância. Daí segue o que o autor chama de efeito mais importante do panoptismo nos sistemas prisionais, isto é, induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder.

Seguindo nosso estudo, o Panóptico torna-se uma máquina de desagregação que vai representar as diversas instituições disciplinares de acordo com a análise foucaultiana, pois o que está em pauta é ver sem ser visto; o indivíduo é globalmente visto, observado, verificado, analisado, avaliado, mas sem nunca ver, pois, quando o guardião se encontra na torre central, ele tem a noção exata de tudo, de todos os detentos, do comportamento de cada um, porém ele nunca é visto. Desse modo, no panoptismo pouco importa quem exerce o poder, pode ser uma singularidade qualquer, um ser sem tanta importância, logo, para essa maquinaria qualquer um pode assumir a base principal de espião.

A partir dessas considerações, podemos observar que a relação de disciplina com o ser disciplinado funciona de tal modo que não é preciso colocar em prática a força para obrigar e coagir ao bom comportamento. Bentham se maravilha pelo fato das instituições panópticas serem tão leves e de não serem obrigadas a colocar correntes, fechaduras, ou seja, objetos que de alguma forma violentem os detentos. Portanto, dentro dos planos do panoptismo é encontrada a preocupação excessiva com a observação do indivíduo, a caracterização, a classificação e a organização do mesmo.

Tamanha visibilidade do poder faz Foucault comparar o panoptismo com o zoológico. Ora, no panoptismo o animal é substituído imediatamente pelo homem, já

que tanto no zoológico quanto nas prisões, escolas, indústrias ou hospitais existem as divisões, as repartições para cada jaula está direcionada a uma espécie diferente, cada leito um doente específico, cada carteira na sala de aula é direcionada a um tipo de aluno (1997, p. 193).

Há um aspecto útil no panoptismo, apresenta Foucault (1997, p.193), pois esta estrutura serve como uma máquina de realizar experiências, transformar a conduta e treinar as singularidades. Estes experimentos vão desde os testes de remédios à verificação dos efeitos nos indivíduos até as regras rígidas estabelecidas para a punição dos detentos, dos escolares, dos operários etc.

O panoptismo de acordo com a concepção de Foucault está além de um local, singular, único, elevado, privilegiado, pois torna possível a experiência com os homens sem que eles saibam que estão sendo atores de um ensaio experimental, analisando as mudanças que se pode obter deles ou não. Neste sentido, na torre de controle, o diretor ou espião pode observar com clareza todos os serviços, não importando qual seja a sua função, o que importa é a vigilância que está sendo efetuada no exato momento, pois quem estiver no comando, na parte superior da torre, poderá modificar os atos e o comportamento dos indivíduos, atribuir-lhes métodos que achar que se adequam ao estabelecimento que se pertença, podendo ser uma escola, asilo, exército, hospital e demais aparelhos disciplinares.

Grosso modo, o Panóptico pode ser visto como um edifício do poder. Isso porque tem como observar minuciosamente e consegue penetrar nos comportamentos dos homens sem que os mesmos percebam. O Panóptico deve ser compreendido, então, como um modelo geral de funcionamento, uma forma de definir relação de poder com a vida dos homens. Foucault demonstra através dos seus escritos que o panoptismo pode ser considerado como uma instituição particular, ou seja, que é fechada em si mesmo e que às vezes se faz dela uma fantasia do encarceramento perfeito (1997, p. 194). Mas, o Panóptico não deve ser entendido como um laboratório onírico, ou seja, para além das fantasias e sonhos, ele é um diagrama de poder que pode ser levado a sua forma ideal ao se observar seu funcionamento de olhar, vigiar e controlar.

Em acordo com estas considerações sobre o Panóptico, Foucault o considera multifuncional ou, como estima o autor, polivalente nas suas utilizações, servindo para instruir os escolares, guardar os loucos, fiscalizar os operários, fazer trabalhar quem

quer que seja indo dos mendigos aos ociosos. É um modelo de implantação dos corpos no espaço, de distribuição das individualidades seguindo uma relação mútua de reciprocidade e de organização hierárquica e da definição dos instrumentos de intervenção. Desse modo, quando se tratar de uma multiplicidade de indivíduos sob a análise do poder disciplinar, o panoptismo nos oferece muitos ângulos de observação.

Assim, o panoptismo favorece que se diminua a quantidade de indivíduos que exercem o poder, ao mesmo instante em que se faz multiplicar o número daqueles sobre os quais o poder é exercido, já que permite intervir e influenciar cada minuto sobre o indivíduo agindo antes mesmo sobre os seus erros, as suas faltas, os seus crimes antes que sejam cometidos e as regras sejam infringidas. Portanto, esse esquema chamado panoptismo é a maquinaria forte para qualquer aparelho de poder, pois assegura como se queira a sua economia, em diversos aspectos sendo eles: material, pessoal, espacial e temporal. Assegura sua eficiência por possuir um caráter preventivo, por ter seu funcionamento contínuo e seus mecanismos serem automáticos.

Para haver a existência dessa máquina, qualquer pessoa pode exercer na torre central as funções de vigilância, e que fazendo isso, pode conhecer o funcionamento da própria instituição a que determinada singularidade pertence. Em suma, o Panóptico sintetiza sobremaneira o edifício do poder, observando e controlando o maior número possível de indivíduos distintos, sendo que esta estrutura de ver a tudo e a todos é uma espécie de olho global em que se observa e se confunde com a maquinaria disciplinar, pois o papel dela é fazer com que o indivíduo se torne dócil, útil e controlável.

Um dos aspectos do panoptismo é ser uma máquina de modificar comportamentos, treinar e retreinar os indivíduos, experimentar remédios e verificar seus efeitos, estabelecer as diversas punições para seus prisioneiros de acordo com seus crimes e temperamentos, mostrar e ensinar variadas técnicas aos operários e escolher a melhor.

O Panóptico assinala Foucault, é um local privilegiado para tornar possível a experimentação com homens e para fazer uma análise sobre as transformações que se pode adquirir com eles podendo ser constituído como um aparelho de controle dentro dos seus próprios mecanismos. Em cada uma das suas aplicações permite assim aperfeiçoar o exercício do poder em seus diversos âmbitos. Nesse aspecto, citamos Bentham:

É importante, em todos os casos, que o inspetor possa ter a satisfação de saber que a disciplina realmente tenha o efeito para o qual é planejada: e é mais particularmente importante naqueles casos em que o inspetor, além de ver que eles se conformam às regras em vigor, tem que lhes fornecer aquelas instruções transientes e incidentais que são necessárias no início de qualquer tipo de atividade. E penso que não é necessária muita argumentação para provar que a atividade de inspeção, como qualquer outra, será exercida a um grau maior de perfeição na medida em que menores forem os problemas causados por seu exercício. (BENTHAM, 2008, p. 29)

Bentham em seu livro *o Panóptico* fala sobre esse princípio geral de construção, afirmando que ele não é uma prisão, ele é na verdade, um dispositivo polivalente da vigilância, a maça óptica universal das concentrações humanas (2008, p. 89). A esse respeito, o Panóptico é o modelo do mundo utilitarista, tudo nele é só artifício, nada de natural, nada de contingente, nada que tenha o existir como única razão de ser, nada de indiferente. Tudo ali é exatamente medido, sem excedente, nem falta. As articulações, os dispositivos, as manipulações. Por toda parte máquinas (2008, p. 93).

Coloca-se o indivíduo nesse espaço, para que sejam calculados suas características, e moldado seu comportamento. Através da vigilância perpétua, ele é visto, analisado e fabricado com o intuito particular de cada instituição ao qual o mesmo está inserido. Ele é: o prisioneiro, o pobre, o louco, o estudante, o doente, toda essa população ao qual Bentham destinou a sua invenção. Segue-se:

Tomemos um exemplo. Tudo funciona no Panóptico, tudo trabalha – em particular, os reclusos, do mesmo modo que as outras peças da grande máquina. O rendimento mesmo de seu trabalho, reclama que de tempos em tempos, eles se repousem, se distraiam. Distrair-se? Isso é distrair tempo da produção. Assim, não basta reduzir o repouso ao mínimo necessário. Esse “sacrifício” - é o termo de Bentham – deve ser o quanto se possa, retomado num outro processo de produção. Todo jogo será assim tornado lucro. (BENTHAM, 2008, p. 94)

O Panóptico veio destruir o espaço escuro, a tela da obscuridade, que faz obstáculo a total visibilidade das coisas, das pessoas, das verdades. Neste sentido, “O ideal Panóptico é a servilização integral da natureza ao útil” (BENTHAM, 2008, p. 95).

Isto quer dizer: Tornar útil para ter um bom funcionamento, usar de todas as formas, as forças produtivas do homem.

O olho atento desse poder vai requisitar pouca despesas, nada de armas ou de violência, mas funcionará simplesmente pelo olhar. Esse olhar que vigia e que pressiona a cada um a sentir o pesar sobre si mesmo. Induzindo o indivíduo a interiorizá-lo a ponto de observar a si próprio. Nesse aspecto o poder alcança a vigilância sobre si e sobre o outro.

O panoptismo não é um poder que seria dado inteiramente a alguém e que esse alguém o exerceria isoladamente, totalmente sobre os outros, ele é uma máquina na qual todos estão presos, tanto aqueles que o exercem, quanto os que sofrem a influência perpétua da extensão desse poder.

Ele não está substancialmente desde sua origem identificado a um indivíduo que o possuiria e o exerceria, torna-se um maquinário, do qual ninguém é titular (FOUCAULT, 2010b, p. 117). Certamente nessa máquina ninguém ocupa o mesmo lugar, pois poderá estar na posição de vigia qualquer um, qualquer indivíduo. Trata-se de um aparelho de desconfiança total e circulante, porque não há um ponto absoluto, pois:

Com o panoptismo, eu visio a um conjunto de mecanismo que ligam os feixes de procedimentos de que se serve o poder. O panoptismo foi uma invenção tecnológica na ordem do poder, como a máquina a vapor o foi na ordem da produção. Essa invenção tem de particular o fato de ter sido utilizada em níveis inicialmente locais: escolas, casernas, hospitais. Fez-se nesses lugares a experimentação da vigilância integral. Aprendeu-se a preparar os dossiês, a estabelecer as notações e as classificações, a fazer a contabilidade integrativa desses dados individuais. [...] O panoptismo não foi confiscado pelos aparelhos de estado mas estes se apoiaram nessa espécie de pequenos panoptismo regionais e dispersos. De modo que, se quisermos apreender os mecanismos de poder em sua complexidade e detalhe não poderemos nos ater unicamente aos aparelhos de estado. [...] O poder em seu exercício vai muito mais longe, passa por canais muito mais sutis, é muito mais ambíguo, porque cada um de nós é, no fundo titular de um certo poder e, por isso, veicula o poder. O poder não tem por função única reproduzir as relações de produção. As da dominação e os circuitos da exploração se recobrem, se apoiam e interfere uns nos outros, mas não coincidem. (FOUCAULT, 1979, p. 160)

No Panóptico há uma rede de comunicação de grupos, todos os fenômenos coletivos que são percebidos, analisados e irrompidos. Este poder irá lidar com o conjunto, mas sempre visará apenas séries de indivíduos separados uns dos outros.

Esse poder se caracteriza por ser totalmente anônimo. O diretor ou inspetor, não tem corpo, porque o seu verdadeiro efeito é o de ser tal que, mesmo quando não há ninguém, o indivíduo em sua cela não apenas se crê, mas sabe que está sob o olhar de alguém, que tem a sensação constante de estar num estado de visibilidade operante (FOUCAULT, 2006b, p. 95).

O poder imaterial do panoptismo funciona ininterruptamente na iluminação, ligada também a coleta do saber, ou seja, através de anotações incessantes de transcrição do comportamento individual de cada um. Codificando e registrando tudo o que os indivíduos estiverem fazendo em sua cela. Construindo um aparato de saber em relação ao funcionamento de cada instituição que estiver inserida dentro dos padrões arquiteturais do Panóptico. Neste caso, para Foucault:

O primeiro dessa relação de poder é, portanto, a constituição desse saber permanente do indivíduo, do indivíduo vinculado a determinado espaço e acompanhado por um olhar virtualmente contínuo, que define a curva temporal da sua evolução, da sua cura, da aquisição do seu saber, da sua resipiscência, etc. logo, o Panóptico é, como vocês estão vendo, um aparelho de individualização e de conhecimento ao mesmo tempo; é um aparelho de saber e de poder ao mesmo tempo, que individualiza, por um lado, e que individualizando conhece. (FOUCAULT, 2006b, p. 97)

Através do dispositivo Panóptico é possível ensinar qualquer coisa a qualquer um, basta coloca-lo em um ambiente fechado onde se possa vê-lo, medi-lo e avaliá-lo. Foucault apresenta um exemplo no livro *O poder psiquiátrico*, no qual menciona a ideia que Bentham fazia dele um instrumento que chamava “experimentação metafísica” (FOUCAULT 2006b, p. 97). Achava que era possível fazer experimentação com crianças. Ao colocá-las em um ambiente antes que iniciem a fala ou tomem consciência do que quer que seja dentro do Panóptico. Elas serão de algum modo programadas para o que quer que se desejem.

A trama comum ao que poderíamos chamar de o poder exercido sobre os homens enquanto força de trabalho e o saber sobre o homem enquanto indivíduo é o

mecanismo Panóptico que a proporciona. De modo que ele poderia funcionar no interior da nossa sociedade como uma forma geral, haveria assim, a presença da sociedade disciplinar e a presença da sociedade panóptica. “Vivemos no panoptismo generalizado pelo simples fato de que vivemos dentro de um sistema disciplinar” (FOUCAULT, 2006b, p. 98).

O panoptismo é um esquema para instituições disciplinares (FOUCAULT, 2006b, p. 92), é um mecanismo que dá força a toda instituição, uma espécie de tecnologia pela qual o poder atua na instituição e a mesma vai adquirindo o máximo de forças, ele é um multiplicador, um intensificador de poder dentro de toda uma série de instituições disciplinares. Trata-se de tornar o poder mais forte, sua distribuição melhor e seu alvo de aplicação mais certo. Pois, de acordo com Foucault:

O que há de maravilhoso no Panóptico é que ele “dá aos que dirigem a instituição uma força hercúlea”. Ele “dá uma força hercúlea” ao poder que circula na instituição, e ao indivíduo que detém ou que dirige esse poder. E, diz igualmente Bentham, o que há de maravilhoso nesse Panóptico é que ele constitui “uma nova maneira de dar ao espírito um poder sobre o espírito”. Parece-me que essas duas proposições – constitui uma força hercúlea e dar ao espírito poder sobre o espírito-, parece-me que é exatamente isso o que há de característico no mecanismo do Panóptico e, se assim podemos dizer, na forma disciplinar geral. “Força hercúlea”, isto é, uma força física que em certo sentido, tome por objeto o corpo, mas que seja tal que essa força que encerra, que pesa sobre o corpo, no fundo nunca seja empregada e seja dotada de uma espécie de imaterialidade que faça que o processo passe de espírito a espírito, quando na verdade é o corpo que está em questão no sistema do Panóptico. (FOUCAULT, 2006b, p. 92-93)

Em cada alojamento ou instituição Panóptica deve ser posta uma só pessoa, ou seja, cada corpo terá o seu lugar de maneira especificada. E para cada direção que o olhar do vigilante puder se voltar no fim dessa direção o olhar vai encontrar um corpo. Portanto as coordenadas espaciais tem aí uma função individualizante bem nítida (FOUCAULT, 2006b, p. 93). Isso faz com que um sistema como esse nunca tenha que lidar com uma massa, um grupo e uma multiplicidade, mas efetivamente com indivíduos.

Pode-se dar uma ordem coletiva por um megafone, que vai ser direcionada a toda uma multiplicidade. Mas a ordem é recebida apenas por indivíduos instalados uns

ao lado dos outros. Os fenômenos da coletividade serão abolidos, pois para cada instituição haverá um objetivo a ser cumprido. Citaremos alguns exemplos: na oficina, não existirá mais distração coletiva, nas escolas não acontecerá mais “cola”. Nas prisões não acarretará mais cumplicidade ou programação de crimes e nos asilos de doentes mentais não ocorrerá mais fenômenos de irritação coletiva (FOUCAULT, 2006b, 94). Esses são alguns exemplos da funcionalidade do panoptismo.

No capítulo seguinte, falaremos sobre as formas de resistência ao poder disciplinar, tais como: a *parresía* e o cuidado de si, detalhado e explicado na obra *A Hermenêutica do Sujeito*, e *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II* que tomaremos como trabalhos relevantes para a confecção desse último capítulo.

A temática do cuidado de si é desenvolvida de forma analítica no pensamento tardio de Foucault, ou seja, em suas obras publicadas nos anos de 1980 – *História da sexualidade* – Vols. II e III – *O uso dos prazeres e O cuidado de si* (1984) e também em seus cursos ministrados no *Collège de France* no mesmo período.

O sujeito que não conhece a si mesmo e não se ocupa de si, não exerce o cuidado de si, não é detentor de si mesmo, não se domina, configurando-se como um sujeito cuja sujeição aos seus ímpetos e desejos e aos demais é muito mais forte e significativa. Livre é aquele sujeito que constitui sua subjetividade a partir de uma postura ética de cuidado de si mesmo, assenhorando-se de si, implicando em ações éticas no campo político no sentido de que se torna capaz de exercer um domínio político sobre outros, cuidando desta forma de outros.

O enfoque dado por Foucault recai sobre as práticas de auto formação da subjetividade do sujeito e a maneira que este sujeito irá agir politicamente em sua realidade. Nesse sentido, o nosso objetivo aqui é analisar a resistência relacionada à liberdade ética do cuidado de si como elemento primordial para a constituição da *parresía* – compreendida como o falar franco, o falar verdadeiro, além de dar um enfoque às implicações políticas que derivam da noção de ética inserida no cuidado de si, à luz da ideia da veridicção. A noção de cuidado de si está vinculada diretamente ao exercício do poder, está implicado na vontade do indivíduo de exercer o poder político sobre os outros. E é sobre esse cuidado de si através da resistência do corpo ao poder que desenvolveremos o terceiro capítulo.

3 FORMAS DE RESISTÊNCIA AO PODER DISCIPLINAR: PARRESÍA E O CUIDADO DE SI

Considerando as questões do poder, situado no eixo do disciplinamento, entendido como um campo estratégico no qual são lançados indivíduos e com eles seus corpos, para torná-los obedientes e úteis, não podemos deixar de passar pelo âmbito do sujeito que será definido pela relação de si para consigo. Isto significa que devemos considerar que as relações de poder perpassam pelo governo do indivíduo e elas compõem uma cadeia, uma trama que é em torno da política e da ética. Como se opor a essas tecnologias de poder? Como o corpo poderá resistir a essa maquinaria de imposição? Bem, recorreremos ao cuidado de si, que “tem também uma função de luta. A prática de si é concebida como um combate permanente. Não se trata simplesmente de formar, para o futuro, um homem de valor. É preciso dar ao indivíduo armas e a coragem que lhe permitirão bater-se toda sua vida” (FOUCAULT, 2014a, p. 181-182).

O poder se constitui através de relações de forças, porém os indivíduos não estão apenas presos nessas relações, mas também abrindo espaços de resistência, capazes de modificar essas relações e invertê-las. Logo: “Para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder, tão invertida, tão móvel, tão produtiva quanto ele. Que como ele venha de baixo e se distribua estrategicamente” (FOUCAULT, 1979, p. 241). Resistir é lutar contra o poder. São lutas que colocam em questão o indivíduo, essa forma do poder que se exerce sobre a vida cotidiana imediata que, classifica-os em categorias, designa-os por sua individualidade própria e liga-os a sua identidade impondo-lhes uma lei de verdade.

Portanto, deteremo-nos no último curso ministrado por Foucault no Collège de France, intitulado “*A coragem da Verdade*”, proferido entre 01 de fevereiro de e 28 de Março de 1984, ou seja, apenas meses antes do seu falecimento e que seria uma espécie de continuação de seu curso no ano anterior, “*O governo de si e dos outros*”, juntamente com “*O governo dos vivos*” (1979-1980) e “*Hermenêutica do sujeito*” (1981-1982). Mostraremos a prática do dizer a verdade sobre si mesmo (*parresía*) relacionada ao princípio socrático do *epiméleia heuatoú* (do cuidado de si).

3.1 A parresía como elemento de Resistência ao Poder

Nesta secção, iremos tratar de um dos temas voltados para a relação entre sujeito e verdade, a partir de práticas e discursos sobre a verdade a respeito do sujeito. Foucault recorreu às práticas históricas do falar a verdade sobre si mesmo, constatou em toda moral antiga, em toda cultura grega e romana a importância do seguinte princípio. “É preciso dizer a verdade sobre si mesmo” (FOUCAULT, 2011, p. 4). Prática que se constitui como parresía, fala franca, para que o indivíduo, possa por, sua vez dizer a verdade sobre si mesmo e assim, precisamente como elemento qualificador do outro, possa se fazer necessário no jogo e na obrigação do dizer a verdade sobre si mesmo. E com isso se sobressair as instâncias de poder.

A noção de parresía - foi o que lhes procurei mostrar ano passado - é primeiro, fundamentalmente, uma noção política. E essa análise da parresía, como noção, conceito político, evidentemente que me afastava um pouco do que era meu projeto imediato: a história antiga das práticas do dizer a verdade sobre si mesmo. Mas, por outro lado, esse inconveniente era compensado pelo fato de que, retomando ou empreendendo a análise da parresía no campo das práticas políticas, eu me aproximava um pouco de um tema que havia sido afinal de contas constantemente apresentado na análise que eu havia [empreendido] das relações entre sujeito e verdade: ou das relações de poder e de seu papel no jogo entre o sujeito e a verdade. Com a noção de parresía, arraigada originalmente na prática política e na problematização da democracia, derivada depois para a esfera da ética pessoal e da constituição do sujeito moral, com essa noção dotada de arraigamento político e derivação moral, temos, para dizer as coisas muito esquematicamente – e é por isso que me interessei por ela, que me detive nela e torno a me deter – a possibilidade de colocar a questão do sujeito e da verdade do ponto de vista da prática do que se pode chamar de governo de si mesmo e governo dos outros. E chegarmos assim ao tema do governo que eu havia estudado anos atrás. Parece-me que examinando a noção de parresía podemos ver se ligarem entre si a análise dos modos de veridicção, o estudo das técnicas de governamentalidade, e a identificação das formas de práticas de si. A articulação entre os modos de veridicção, as técnicas de governamentalidade e as práticas de si, é no fundo, o que sempre procurei fazer. (FOUCAULT, 2011, p. 9)

Na medida em que, trata-se de analisar, as relações entre modos de verdades, técnicas de governamentalidade e formas de práticas de si, trata-se ao contrário de uma análise dessas relações complexas, que não se reduzem umas nas outras, porque não se absorvem umas nas outras, mas cujas relações se constituem umas das outras

(FOUCAULT, 2011, p. 10). Esses três elementos são: os saberes, estudados na especificidade de sua verdade, as relações de poder, estudadas, não como uma emanção de um poder substancial e invasivo, mas nos procedimentos pelos quais, a conduta dos homens é governada, e enfim, os modos de constituição do sujeito através das práticas de si. É realizando esse tríplice deslocamento teórico, do tema do conhecimento para o tema da verdade, do tema da dominação para o tema da governamentalidade, do tema do indivíduo para o tema das práticas de si, que se pode assim estudar as relações entre verdade, poder e sujeito. Sem reduzi-las umas as outras.

Quando se define o exercício do poder como um modo de ação sobre as ações dos outros, quando são caracterizados como o governo de uns sobre os outros, pode ser incluído um elemento que apresenta relevância: o elemento da liberdade. Pois acrescenta Foucault que o poder só existe sobre sujeitos livres, e enquanto os indivíduos são livres, tem um campo de possibilidades que se abrem em que várias condutas, várias reações e diversos modos de comportamentos que podem ser assim expostos. Por isso:

A escravidão não é uma relação de poder quando o homem se encontra acorrentado (trata-se, então, de uma relação física de obrigação), mas justamente quando ele pode deslocar-se, e no limite, escapar. Não há, pois, um face a face de poder e de liberdade, com uma relação de exclusão entre eles (por toda parte onde o poder se exerce, a liberdade desaparece): mas um jogo muito mais complexo: nesse jogo, a liberdade vai aparecer como condição de existência do poder (ao mesmo tempo, prévio, visto que é necessário que haja liberdade para que o poder se exerça, e também seu apoio permanente, visto que, se ela se retirasse inteiramente do poder que se exerce sobre ela, este desapareceria pelo próprio fato e deveria encontrar para ele um substituto na coerção pura e simples da violência); mas ela aparece também como o que só poderá opor-se a um exercício de poder que tende, afinal de contas, a determiná-la inteiramente. (FOUCAULT, 2014a, p. 134)

A relação de poder e a insubmissão da liberdade não podem estar separadas. Há então uma ligação antagônica, uma relação que é ao mesmo tempo de incitação recíproca e de luta, ou seja, uma relação em que os mecanismos de poder se investem no indivíduo ao mesmo tempo em que ele tenta resistir (FOUCAULT, 2014a, p. 134). A parresía se encaixa na medida em que o indivíduo busca falar, resistir e viver essa liberdade no encontro contínuo da sua palavra.

Com efeito, o sujeito se ocupa de si mesmo ao ater-se aos discursos verdadeiros, e com tal atitude destacamos que sua subjetivação ocorre no sentido de que seu modo de ser está se transformando. Com essa transformação de sua subjetividade, podemos ponderar que o sujeito está se libertando das amarras que o prenderam, sujeitando-o a manipulação e a fabricação. Ele se torna um ser livre, autônomo, um sujeito que é senhor de si mesmo pelo fato de que passa a cuidar de si mesmo.

A *parresía* é etimologicamente a atividade que consiste em dizer tudo: *pân rema*, logo, o *parresiasta* é aquele que diz tudo. Foucault encontra dois valores para a palavra *parresía*, o valor pejorativo que consiste em dizer tudo, no sentido de que possa dizer qualquer coisa, qualquer coisa que passe pela cabeça, ou que possa ser útil a qualquer causa que venha a defender. Coisas que possam servir a paixão ou ao interesse que anima a quem fala. Nesse caso, então, o *parresiasta* se torna um tagarela (FOUCAULT, 2011, p. 10).

Mas a *parresía* é empregada também com um valor positivo, e é esse valor que nos interessa. Ela equivale a dizer a verdade sem dissimulação ou reserva, nem cláusula de estilo nem ornamento retórico que possa cifrá-la ou mascará-la. O “dizer tudo” (FOUCAULT, 2011, p. 11), é nesse momento dizer a verdade, sem dela nada esconder, não ocultá-la, dizer as coisas verdadeiras e praticar essa verdade.

É preciso, não apenas que essa verdade constitua efetivamente a opinião pessoal, daquele que fala, mas também que ele a diga como sendo, o que ele pensa, e o que ele acredita e não da boca para fora. Esse é o *parresiasta* visto pela conotação positiva. Desse modo, explicita Foucault:

Para que haja *parresía*, vocês se lembram - insisti tanto sobre isso ano passado – o sujeito ao dizer sua verdade que marca como sendo sua opinião, seu pensamento, sua crença, tem de assumir certo risco, risco que diz respeito à própria relação que ele tem com a pessoa a quem se dirige. Para que haja *parresía* é preciso que, dizendo a verdade se abra, se instaure e se enfrente o risco de ferir o outro, de irritá-lo, de deixá-lo com raiva e de suscitar de sua parte algumas condutas que pode ir até a mais extrema violência. (FOUCAULT, 2011, p. 12)

Sustenta Foucault que para ser *parresía*, primeiro, deve existir a manifestação de um vínculo fundamental entre a verdade dita e o pensamento de alguém que disse. Segundo, o questionamento do vínculo entre os dois interlocutores: o que diz a verdade

e aquele a quem essa verdade é endereçada (FOUCAULT, 2011, p. 12). Outra característica da *parresía* se apresenta como sendo certa forma de coragem, de acordo com a perspectiva foucaultiana:

Coragem cuja forma mínima consiste que o *parresiasta* se arrisque a desfazer, a deslindar essa relação com o outro que tornou possível precisamente seu discurso. De certo modo, o *parresista* sempre corre o risco de minar essa relação que é a condição de possibilidade de seu discurso, isso pode ser visto claramente, por exemplo, na *parresía* condução de consciência, em que só pode haver condução de consciência se há amizade, e em que o uso da verdade, nessa condução de consciência corre precisamente o risco de questionar e romper a relação de amizade que, no entanto, tornou possível esse discurso de verdade. (FOUCAULT, 2011, p. 12)

O *parresiasta* é aquele que assume o risco de questionar sua relação com o outro e até sua própria existência dizendo a verdade, toda a verdade, sobre todos e sobre tudo, por outro lado, aquele a quem essa verdade é dita, quer se trate do povo reunido, e que delibera sobre as melhores decisões a tomar, quer se trate de um amigo que você guia, esse povo ou amigo deve aceitar o jogo da *parresía* segundo Foucault (2011, p. 13), e reconhecer que aquele que assume o risco de dizer a verdade deve ser escutado.

E é assim que se estabelecerá o verdadeiro jogo da *parresía*, a partir dessa espécie de pacto que faz com que o *parresiasta* mostre sua coragem dizendo a verdade acima de tudo e de todos. Aquele a quem essa *parresía* é endereçada deverá mostrar sua grandeza de alma aceitando que lhe digam a verdade. Essa espécie de pacto, entre aquele que assume o risco de dizer a verdade e aquele que aceita ouvi-la, está no cerne do que poderia chamar de jogo *parresiástico* (FOUCAULT, 2011, p. 13).

Por outro lado, ao estudar o poder atrelado à resistência é possível investigar as formas concretas das lutas, dos enfrentamentos, das estratégias desenvolvidas historicamente. Nesse caso, não se pode constituir por essas vias uma teoria do poder, nem arbitrar sobre sua legitimidade. O que se pode é identificar nas relações efetivas as formas pelas quais o poder é exercido, e se tal exercício se manifesta em um maior grau de equilíbrio entre poder e a resistência ou se este poder está voltado para a submissão ou sujeição, mas não se pode colocar como legítimo ou ilegítimo, verdadeiro ou falso (KRAEMER, p. 272). Posto que o que constitui o poder são as relações de um indivíduo

para com o outro. O poder que Foucault descreve está voltado para algo difuso, espalhado e disseminado pelas relações dos indivíduos, em um campo social.

A *parresía*, em poucas palavras, é definida como a coragem da verdade daquele que assume o risco de dizê-la, também, é a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ferina que poderá ouvir. Sendo assim, o *parresiasta* não é um técnico ou um profissional. A *parresía* é uma atitude, uma maneira de ser que se assemelha a virtude, apresenta um papel útil para o indivíduo e para a cidade. É caracterizado como uma modalidade do dizer verdadeiro (FOUCAULT, 2011, p. 15).

Foucault aponta a partir da antiguidade algumas categorias fundamentais da *parresía*, primeiro, o dizer a verdade da profecia, o profeta por definição não fala em seu nome, fala por outra voz, o profeta transmite a palavra, que é em geral a palavra de Deus, endereça aos homens uma verdade que vem de outro lugar. Ele se situa em uma posição intermediária entre o presente e o futuro. É aquele que desvela o que o tempo esconde dos homens e que nenhum olhar ou ouvido humano poderia ver e ouvir sem ele. O dizer a verdade profético também é intermediário na medida em que ele não desvela sem ser obscuro, e não revela sem envolver o que diz em certa forma, que é a do enigma. Segue-se:

O que tem por consequência que a profecia, no fundo, nunca dá uma prescrição unívoca e clara. Ela não diz a verdade nua e crua, e em sua pura e simples transparência. Mesmo quando o profeta diz o que se deve fazer, resta ainda se interrogar, resta saber se quem o ouviu compreendeu bem, resta saber se quem o ouviu não permanece cego, resta questionar, hesitar, resta interpretar. (FOUCAULT, 2011, p. 16)

A *parresía* por outro lado, se opõe a essas diferentes características do dizer a verdade profética. A oposição acontece na medida em que o profeta não fala por si, mas em nome de outro e articula uma voz que não é a dele (FOUCAULT, 2011, p. 16). Já o *parresiasta*, fala em seu próprio nome, emitindo a sua opinião, o seu pensamento mantendo uma forte convicção. Ele assina o que diz, com absoluta franqueza. Porém, o profeta não tem que ser franco ainda que diga a verdade. E o que o *parresista* faz é desvelar a cegueira dos homens, mas não levanta o véu que cobre o futuro. No entanto, levanta o véu que cobre o que existe. Para Foucault:

O *parresiasta* não ajuda os homens a vencer, de certo modo, o que os separa do seu futuro, em função da estrutura ontológica do ser humano

e do tempo. Ele os ajuda em sua cegueira, mas em sua cegueira sobre o que são, sobre si mesmos, e não em consequência de uma estrutura ontológica, mas de algum erro, distração ou dissipação moral, consequência de uma desatenção, de uma complacência, de uma covardia. E é aí nesse jogo, entre o ser humano e sua cegueira arraigada, numa desatenção, numa complacência, numa covardia, numa distração moral que o parresiasta representa seu papel, papel de desvelador bem diferente, por conseguinte, vocês estão vendo, [daquele] do profeta que se situa no ponto em que se articula a finitude humana e a estrutura do tempo. (...). O parresiasta também por definição, não fala por enigma, diferente do profeta. Ele diz ao contrário as coisas do modo mais claro, mais direto possível, sem nenhum disfarce, sem nenhum ornamento retórico, de sorte que suas palavras podem receber imediatamente um valor prescritivo. O parresiasta não deixa nada para interpretar, claro, ele deixa algo para fazer: deixa aquele quem ele se dirige a rude tarefa de ter a coragem de aceitar essa verdade de reconhecê-la e dela fazer um princípio de conduta. (FOUCAULT, 2011, p. 16)

O filósofo faz comparação entre o sábio e o *parresiasta*, o sábio não é simplesmente porta voz, como pode ser o profeta. Ele é sábio per si, e é seu modo de ser sábio, como modo de ser pessoal, que o qualifica como sábio, e o qualifica para falar o discurso da sabedoria. E em seu discurso sábio ele se mostra mais próximo do parresiasta do que do profeta (FOUCAULT, 2011, p. 17).

Mas, o sábio explicita Foucault, mantém sua sabedoria num retiro, ou pelo menos numa reserva que lhe é essencial. Pois, no fundo, o sábio é sábio, para si mesmo. Ele não é obrigado a falar, nada o obriga a distribuir sua sabedoria, a ensiná-la ou a manifestá-la. E é isso o que explica, por assim dizer, que o sábio seja estruturalmente silencioso. E se ele fala, o faz solicitado pelas questões de alguém ou por uma situação de urgência para a cidade.

“O *parresiasta*, por sua vez, não é alguém que se mantém fundamentalmente reservado. Ao contrário, seu dever, sua obrigação, seu encargo, sua tarefa é falar, e ele não tem o direito de se furtar a essa tarefa.” Foucault (2011, p. 18), mostra o exemplo de Sócrates:

Veremos precisamente com Sócrates, que lembra isso com frequência na Apologia: ele recebeu do deus essa função de interpretar os homens, de pegá-los pela manga, de lhes fazer perguntas. E essa tarefa, ele não abandonará. Mesmo ameaçado de morte, ele levará sua tarefa até o fim, até seu último suspiro. Enquanto o sábio se mantém em silêncio e responde parcimoniosamente. O menos possível, as questões que lhe podem ser formuladas, o parresiasta é o indefinido, o

permanente, o insuportável interpelador. Em segundo lugar, enquanto o sábio é aquele que, precisamente sobre o fundo do seu silêncio essencial, fala por enigmas, o parresiasta deve falar, falar tão claro quanto possível. E, em fim, enquanto o sábio diz o que é, mas na forma do próprio ser das coisas e do mundo, o parresiasta intervém, diz o que é, mas na singularidade dos indivíduos, das situações e das conjunturas. Seu papel específico não é dizer o ser da natureza e das coisas. Na análise da parresía, vamos encontrar perpetuamente essa oposição entre o saber inútil que diz o ser das coisas e do mundo, e o dizer a verdade do parresiasta que sempre se aplica, questiona, aponta para indivíduos e situações afim de dizer o que estes são na realidade, dizer aos indivíduos a verdade deles mesmos que se esconde a seus próprios olhos, revelar sua situação atual, seu caráter, seus defeitos, o valor da conduta, e as consequências atuais das decisões que eles viessem a tomar. O parresiasta não revela a seu interlocutor o que é. Ele desvela ou o ajuda a reconhecer que ele, interlocutor, é. (FOUCAULT, 2011, p. 18-19)

Foucault mostra outra modalidade que se opõe do dizer a verdade do *parresiasta*, é o dizer a verdade do professor, técnico, ou mesmo o profeta e o sábio que ensina (2011, p. 19). Nessa ideia, daquele que possui o saber da *tekhné*, que o recebeu e vai transmiti-lo, encontramos esse princípio de uma obrigação de falar. Que não encontramos no sábio, mas encontramos no *parresiasta*. Quem ensina estabelece entre ele e aquele a quem ensina um vínculo. Em todo caso, nesse dizer a verdade, estabelece uma filiação na ordem do saber.

No caso, do dizer a verdade da técnica, o ensino assegura ao contrário a sobrevivência do saber, enquanto a *parresía* faz aquele que a pratica arriscar a vida. O dizer a verdade do técnico e do professor une e vincula a vida com a sua existência. Mas o dizer a verdade do *parresiasta* assume o risco da hostilidade, da guerra, do ódio e da morte. E quando o outro aceita o pacto e joga o jogo da *parresía*, pode nesse momento unir e reconciliar, isso só ocorre de acordo com Foucault depois de ter aberto um momento essencial, fundamental, estruturalmente necessário: a possibilidade do ódio e da dilaceração (FOUCAULT, 2011, p. 24).

Digamos, esquematicamente, que o *parresiasta* não é o profeta que diz a verdade desvelando, em nome de outro e enigmaticamente, o destino. O *parresiasta* não é um sábio, que, em nome da sabedoria, diz quando quer e sobre o fundo do seu próprio silêncio, o ser e a natureza (a *phýsis*). O *parresiasta* não é um professor, não é um instrutor. Ele não diz, portanto, nem o destino, nem o ser, nem a *tekhné*. Ao contrário na medida em que assume o risco de entrar em guerra com os outros, em vez de solidificar,

como o professor, o vínculo tradicional falando em seu próprio nome e com toda clareza, ao contrário do profeta que fala em nome de outro, na medida em que ele diz a verdade do que é, na forma singular dos indivíduos e das situações, e não a verdade do ser e da natureza das coisas, pois bem, o *parresiasta* põe em jogo o discurso verdadeiro do que os gregos chamavam de *ethos* (FOUCAULT, 2011, p. 25). Na citação seguinte o filósofo apresenta porque Sócrates é o *parresiasta*:

Vocês vêem como Sócrates compõem elementos que são da ordem da profecia, da sabedoria, do ensino e da *parresía*. Sócrates é o *parresiasta*. Mas, lembrem-se: de que ele recebeu sua função de *parresiasta*, sua missão de ir interpelar as pessoas, puxá-las pela manga e dizer “cuide um pouco de si mesmo”. Do deus de Delfos e da instância profética que deu esse veredicto. Quando foram lhe perguntar qual era o maior sábio dos homens da Grécia, ele respondeu: é Sócrates. E foi para honrar essa profecia, para honrar também o deus de Delfos formulando o princípio “Conhece a ti mesmo”, que Sócrates iniciou sua missão. Sua função de *parresiasta* não é portanto estranha a certa relação com essa visão profética, de que ele no entanto se distingue. Igualmente, Sócrates tem uma relação com a sabedoria, por mais *parresiasta* que ele seja. Essa relação é marcada por várias características, que dizem respeito a sua vida pessoal, ao seu domínio de si, a sua abstenção a todos os prazeres, sua resistência a todos os sofrimentos, sua capacidade de se abstrair do mundo. (FOUCAULT, 2011, p. 26)

Sócrates não faz discursos, ele não diz espontaneamente o que sabe, ao contrário ele se afirma como sendo aquele que não sabe, contentando-se apenas com o interrogar. A interrogação é uma maneira de compor o dever da *parresía*, isto é, o dever de interpelar e de falar. Logo, a profecia, a sabedoria, o ensino, a técnica e a *parresía* devem ser considerados modos fundamentais do dizer a verdade (FOUCAULT, 2011, p. 27).

Esses modos de dizer a verdade são essenciais, segundo o autor para a análise do discurso, pois, na medida em que o discurso se constitui para si e para outros, o sujeito que diz a verdade na cultura grega assume essas formas possíveis: ou ele é o profeta, ou é o sábio, ou técnico, ou o *parresiasta* (FOUCAULT, 2011, p. 27).

Nesse sentido, podemos dizer que, essa reavaliação do pensamento político grego permite Foucault escrever seu parecer da seguinte maneira: a filosofia antiga firma o problema do governo dos homens (*politéia*) sob a dependência de uma

elaboração ética do sujeito (*ethos*) capaz de ressaltar nele e em face dos outros a diferença de um discurso de verdade (*alethéia*). Foucault (2011, p. 306), insiste na ideia de que a identidade do dizer filosófico está desde sua fundação no método socrático-platônico, a partir de uma estrutura de chamamento:

Nunca estudar os discursos de verdade sem descrever ao mesmo tempo sua incidência sobre o governo de si e dos outros; nunca analisar as estruturas de poder sem mostrar em que saberes e em que formas de subjetividade elas se apoiam; nunca identificar os modos de subjetivação sem compreender seus prolongamentos políticos e em que relações com a verdade eles se sustentam. E não se deveria esperar consagrar uma dessas dimensões como fundamental: nunca esgotaremos as violências políticas ou as posturas morais numa lógica geral: nunca reduziremos as exigências do saber ou as construções éticas a formas de dominação; enfim, nunca poderemos fundar as formas de veridicção e os modos de governo em estruturas subjetivas. Esses dois princípios de correlação necessária e de irreducibilidade definitiva bastam para determinar a identidade da filosofia desde os gregos. (FOUCAULT, 2011, p. 306)

Através do livro intitulado *A coragem da verdade* nos é lançada alguns questionamentos: como o sujeito irá resistir às relações de poder? Como pode sair de um campo de domesticação para as vias de liberdade encontrada no *ethos*? Isso nos faz pensar que uma das respostas está na *parresía* atrelada ao dizer verdadeiro, dizer autêntico, constituído como mostra o exemplo de Sócrates. Quando o dizer verdadeiro sobre si mesmo for inscrito na transformação do sujeito por ele mesmo, o indivíduo tornar-se sujeito da verdade ocupando-se com discursos verdadeiros. No qual ele próprio possa dizer a verdade para o outro, assumindo todos os riscos que lhes são cabíveis, vivendo e acreditando naquilo que é dito, dizendo a verdade sem mascará-la com o que quer que seja.

Parresía é a forma necessária ao discurso filosófico segundo Foucault, “porque conforme o próprio Epicteto afirmava”, “uma vez que se utiliza o *lógos*, é preciso que exista uma *léxis* (uma maneira de dizer as coisas) e que exista um certo número de palavras que sejam escolhidas de preferência a outras”. Logo, “não pode haver *lógos* filosófico sem esta espécie de corpo de linguagem, que tem suas qualidades próprias, sua plástica própria, e tem seus efeitos, efeitos patéticos que são necessários”. “Mas, quando se é filósofo, o que é necessário, é a maneira de reger os elementos (elementos

verbais, elementos que tem por função agir diretamente sobre a alma, não deve ser a arte, a *tekhné* da retórica”. Mas, “deve ser outra coisa que, ao mesmo tempo, é uma técnica e uma ética, é uma arte e uma moral, que foi denominada *parresía*” (FOUCAULT, 2006a, p. 442).

Dessa forma, estamos destacando como chave de leitura para o entendimento daquilo que Foucault está pontuando como fortaleza do sujeito a ideia de que sua liberdade conectada com a resistência está associada à constituição de sua subjetividade graças às técnicas do cultivo de si, a partir das orientações do discurso *parresiástico* do mestre condutor de almas.

Nesse sentido, sua resistência está representada em sua condição de ser livre, autônomo, ser capaz de dizer o que pensa e assumir em sua efetividade aquilo que acredita. Gozar da liberdade e, portanto, ter o domínio de si mesmo, sendo esta uma subjetivação possível já que o sujeito se converteu a si mesmo, passou a cuidar de si. E a falar a verdade para si mesmo. Esta é uma postura ética, de mudança profunda de seu *ethos*, que implica em uma nova subjetividade do sujeito e a relação que ele estabelece com a verdade. São as práticas ascéticas que fazem o sujeito voltar-se a si mesmo.

Conhecer a si mesmo e ocupar-se de si, acarretando sua nova subjetivação, cujo efeito central é a sua liberdade para agir de forma ética na sociedade. Por esse motivo destacamos que a questão da liberdade atrelada a resistência segundo a hermenêutica ética foucaultiana nos auxilia muito para o entendimento dos dilemas das relações de poder no âmbito da esfera política da atualidade e outras nuances que derivam de tais dilemas.

Pontuamos a reflexão ética de Foucault em torno da questão do cuidado de si ligada diretamente à resistência como forma de efetivar a liberdade. Passemos então às implicações políticas da ética do cuidado de si, levando em consideração a noção de *parresía*. Falaremos mais adiante no cuidado de si, como técnica e também como elemento primordial de resistência anexada ao poder.

3.2 O cuidado de si (*Epimélēia Heautoû*) como práticas do desvelamento do sujeito

Na aula de 6 de janeiro de 1982, no curso do *Collège de France*, o filósofo vai tratar sobre o cuidado de si (*Epimélēia heautoû*). Refere-se a uma atitude geral, certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro. É uma atitude para consigo, para com os outros e para com o mundo (FOUCAULT, 2006a, p. 14).

É também uma forma de atenção, de olhar. Cuidar de si mesmo implica que se converta o olhar, que o conduza do exterior dos homens para “si mesmo”. O cuidado de si implica uma certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento (FOUCAULT, 2006a, p. 14-15). Ele também implica em algumas ações, sendo essas ações exercidas de si para consigo, pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos, segue de acordo com Foucault, uma série de práticas que são, na sua maioria exercícios, cujo destino, são por exemplo, técnicas de meditação, de memorização do passado, as de exame de consciência e de verificação das representações na medida em que elas se apresentam ao espírito. Como se observa na seguinte citação:

Temos, pois, com o tema do cuidado de si, uma formulação filosófica precoce, por assim dizer, que aparece claramente desde o século V a.C. e que até os séculos IV-V d.C. percorre toda a filosofia grega, helenística e romana, assim como a espiritualidade cristã. Enfim, com a noção de *epimélēia heautoû*, temos todo um corpus, definindo uma maneira de ser, uma atitude, formas de reflexão, práticas que constituem uma espécie de fenômeno extremamente importante, não somente na história das representações, nem somente na história das noções ou das teorias, mas na própria história das práticas da subjetividade. De todo modo, é a partir da noção de *epimélēia heautoû*, que ao menos a título de hipótese de trabalho, pode-se retomar toda essa longa evolução milenar (século V a.C. – século V d. C.), evolução milenar que conduziu das formas primeiras da atitude filosófica tal como se a vê surgir entre os gregos até as formas primeiras do asceticismo cristão. Do exercício filosófico ao asceticismo cristão, mil anos de transformação, mil anos de evolução – de que o cuidado de si é, sem dúvida, um dos importantes fios condutores ou, pelo menos, para sermos mais modesto, um dos possíveis fios condutores. (FOUCAULT, 2006a, p. 15)

Os três momentos do cuidado de si se faz presente em: o momento socrático-platônico, no qual houve o surgimento da *epiméleia heautoû* na reflexão filosófica, o período da idade de ouro da cultura de si, o cuidado de si mesmo, que pode se situar nos dois primeiros séculos de nossa era, e depois a passagem da ascese filosófica pagã para o asceticismo cristão (2006a, p. 41). No momento socrático-platônico, Foucault analisa um texto que traz a própria teoria do cuidado de si, situado no diálogo chamado Alcebíades, nesse caso, ele faz um estudo sobre o texto e nós iremos acompanhá-lo.

Alcebíades é um jovem que possui privilégios ancestrais que o situa acima dos outros, vem de uma família que é uma das mais empreendedoras da cidade. O seu pai tem boas relações com amigos, parentes, ricos e poderosos. Acrescenta-se também o fato de que Alcebíades é dono de uma avultada fortuna, além do mais ele é possuidor de uma beleza inestimável. É assediado por muitos enamorados. Mas é tão orgulhoso de sua beleza e tão arrogante que a todos dispensou restando somente Sócrates, que continua a interessar-se por Alcebíades, apesar do mesmo não possuir mais juventude. Pois, Alcebíades envelheceu (FOUCAULT, 2006a, p. 43).

Mas Alcebíades deseja algo, ele quer voltar-se para o povo, quer tomar nas mãos o destino da cidade, em suma, quer governar os outros. Ele é alguém que quer transformar seu status privilegiado, sua primazia estatutária, em ação política, em governo efetivo dele próprio sobre os outros. É na medida em que esta intenção está se formando, Alcebíades se volta então para o governo dos outros (*pólis*-cidade), é nesse momento que Sócrates ouve o deus que o inspira dizer-lhe que pode agora dirigir a palavra a Alcebíades. É alguém que tem uma tarefa: transformar o privilégio de status em governo dos outros. Fica claro que é nesse momento que nasce a questão do cuidado de si (FOUCAULT, 2006a, p. 44).

Ainda para esclarecer uma passagem da aula de 13 de janeiro de 1982 sobre o cuidado de si:

“Ocupar-se consigo mesmo” (*heautoû epimeleisthai*). Lembramos o contexto em que esta fórmula apareceu. Um contexto muito familiar a todos os diálogos de juventude de Platão - denominados diálogos socráticos -, uma paisagem política e social: é a paisagem, o pequeno mundo dos jovens aristocratas que, por seu status, são os primeiros da cidade e estão destinados a exercer sobre sua cidade, sobre seus concidadãos, um certo poder. Jovens que, desde a mocidade, são devorados pela ambição de prevalecer sobre os outros, sobre seus rivais na cidade, assim como sobre seus rivais de fora da cidade, em

suma, de passar a uma política ativa, autoritária e triunfante. O problema porém está em saber se a autoridade que lhes é conferida por seu status de nascimento, seu pertencimento ao meio aristocrático, sua grande fortuna - como era o caso de Alcebiades -, se a autoridade que lhes é assim de saída conferida, também os dota da capacidade de governar como convém. Trata-se, pois, de um mundo em que se problematizam as relações entre o status de “primeiros” e a capacidade de governar: a necessidade de ocupar-se consigo mesmo na medida em que se há que governar os outros. (FOUCAULT, 2006a, p. 55-56)

A finalidade do cuidado de si está relacionado a cidade, na medida em que quem governa faz parte da cidade, também ele, de certo modo, é finalidade de seu próprio cuidado de si, isto porque o governante deve como convém, aplicar-se a governar, para salvar a si mesmo e a cidade, a si mesmo enquanto participante da cidade (FOUCAULT, 2006a, p. 103).

A prática de si terá um papel corretivo tanto quanto formador. Será também, uma atividade crítica em relação a si mesmo, ao seu mundo cultural e a vida dos outros. Podemos dizer que em Alcebiades, a necessidade de cuidar de si tinha como quadro de referência o estado de ignorância em que se achavam os indivíduos. Descobre-se que Alcebiades ignora o que ele quer fazer, isto é, governar bem a cidade (FOUCAULT, 2006a, p. 115).

Na prática de si no decorrer do período helenístico e romano, há um lado formador, que é essencialmente vinculado à preparação do indivíduo, preparação esta, que não é destinada para determinada forma de profissão ou de atividade social: não é tratado como em Alcebiades, de formar o indivíduo para tornar-se um bom governante, trata-se de formá-lo para que possa suportar, como convém, todos os eventuais acidentes, todos os infortúnios possíveis, todas as desgraças e todos os revesses que possam atingi-lo (FOUCAULT, 2006a, p. 115). Trata-se de montar um mecanismo que assegure a proteção em relação ao resto do mundo, a todos os acidentes, ou acontecimentos que possam produzir-se, no qual, os gregos chamavam de *paraskheué*, aproximadamente traduzido por Sêneca como *instructio*. Ela é uma armadura do indivíduo em face dos acontecimentos e não a formação em função de um determinado profissional. Pois, para Foucault:

Poderíamos dizer em Platão, de modo geral, o vínculo entre cuidado de si e cuidado dos outros estabelece-se de três maneiras. Ou então,

retornando ao que eu lhes dizia há pouco, o conhecimento de si, em Platão, é um aspecto, um elemento, uma forma - sem dúvida capital, mas uma forma apenas - do imperativo fundamental do “cuida de ti mesmo”. O neoplatonismo inverterá esta relação. Mas, em Platão, ao contrário, o catártico e o político não são diferenciados um do outro. Ou antes, o mesmo procedimento será a um tempo catártico e político. E isto, de três maneiras. Quem se ocupa consigo - é o que acabei de lhes mostrar - torna-se capaz de ocupar-se com os outros. Praticarei em mim o que os neoplatônicos chamaram de *kátharsis*, praticarei a arte da *catártica* para poder, justamente, tornar-me um sujeito político. Sujeito político entendido como aquele que sabe o que é a política e, conseqüentemente, pode governar. (FOUCAULT, 2006a, p. 216-217)

Umas das questões importantes na cultura de si é a noção de salvação. Salvação de si e salvação dos outros. O termo salvação é encontrado em Platão associado ao problema do cuidado de si e do cuidado dos outros. É preciso salvar-se, salvar-se para salvar os outros (FOUCAULT, 2006a, p. 222).

A salvação do sujeito está atrelada a ideia de que sua liberdade está associada à constituição de sua subjetividade graças às técnicas do cultivo de si, a partir das orientações do discurso *parresiástico* do mestre condutor de almas. Sua salvação está representada em sua condição de ser livre, autônomo, que goza da liberdade e que, portanto, tem o domínio de si mesmo, sendo esta uma subjetivação possível já que o sujeito se converteu a si mesmo, passou a cuidar de si mesmo.

A salvação vista pelo cristianismo, se inscreve em um sistema binário. Situa-se entre a vida e a morte, segundo Foucault ou entre a mortalidade e a imortalidade, deste mundo para o outro. Ou ainda faz passar do mal ao bem, de um mundo da impureza ao mundo da pureza, logo, está sempre no limite, operando a passagem de uma dimensão a outra. A dramaticidade de um acontecimento podendo ser situado na trama temporal dos acontecimentos do mundo ou pode situar-se em outra temporalidade a de Deus, ou da própria eternidade (FOUCAULT, 2006a, p. 222).

A salvação está, pois, vinculada a dramaticidade de um acontecimento, nesse caso, quando falamos de salvação parece estar anexada a uma operação complexa na qual o próprio sujeito que realiza sua salvação, dela é o agente operador, mas na qual também é requerido o outro, ou seja, há uma relação entre o que nós mesmos operamos e aquele que nos salva. Foucault (2006a, p. 223) expõe que a salvação tem uma ideia religiosa, mas funciona também como noção filosófica, no campo mesmo da filosofia.

A salvação se tornou, e assim se mostra objetivo da prática e da vida filosófica. Como se demonstram certos pontos na citação seguinte:

O verbo *sózein* (salvar) ou o substantivo *sotería* (salvação) têm em grego algumas significações. *Sózein* (salvar) é, primeiro, livrar de um perigo que ameaça. Dir-se-á, por exemplo: salvar de um naufrágio, salvar de uma derrota, salvar de uma doença. *Sózein* também quer dizer (segundo grande campo de significações): guardar, proteger, manter em torno de algo uma proteção que lhe permitirá conservar-se no estado em que está. (...) *sózein* significa fazer o bem, quer dizer assegurar o bem-estar, assegurar o bom estado de alguma coisa, de alguém ou de alguma coletividade. (FOUCAULT, 2006a, p. 224-225)

Quem se salva é quem está em um estado de alerta, de resistência, de domínio e soberania sobre si, que lhe permiti repelir todos os ataques e todos os assaltos. “Salvar-se a si mesmo” significa dizer: escapar a uma dominação, ou escapar a uma coerção pela qual se está ameaçado e ser restabelecido nos seus direitos, recobrar a liberdade, recobrar a independência. Salvar-se significará: manter-se em um estado permanente que nada possa alterar, quaisquer que sejam os acontecimentos que se passam em torno. Salvar-se ainda significa: assegurar-se a própria felicidade, a tranquilidade e a serenidade (FOUCAULT, 2006a, p. 226).

A salvação consiste em uma atividade que se desdobra ao longo de toda a vida e cujo único operador é o próprio sujeito. Ela conduz a um efeito que é sua meta e sua finalidade. Por esta salvação nos tornamos inacessíveis aos infortúnios, as perturbações, a tudo que pode ser induzido na alma pelos acidentes, pelos acontecimentos exteriores. E a partir do momento em que se atingiu o termo, o objeto da salvação, não se tem necessidade de nada mais, nem de mais ninguém.

Os dois grandes temas, a *ataraxia* (ausência de perturbação, domínio de si que faz com que nada nos perturbe) e a *autarcia* (auto-suficiência que faz com que de nada mais se necessite senão de si mesmo), são as duas formas nas quais a salvação, os atos de salvação, a atividade de salvação que exerceu por toda a vida, encontram a recompensa. A salvação é, portanto, uma atividade, atividade permanente do sujeito sobre si mesmo, que encontra sua recompensa em uma certa relação consigo, ao tornar-se inacessível as perturbações exteriores e ao encontrar em si mesmo uma satisfação que de nada mais necessita se não dele próprio. Digamos, numa palavra, que a salvação é a forma, ao mesmo tempo vigilante, contínua e completa,

da relação consigo que se cinge a si mesma. Salva-se para si, salva-se por si, salva-se para afluir a nada mais do que a si mesmo. Nesta salvação - que chamarei helenística e romana -, nesta salvação da filosofia helenística e romana, o eu é o agente, o objeto, o instrumento e a finalidade. (FOUCAULT, 2006a, p. 227)

A noção de *ataraxia* se faz importante para o pensamento de Foucault nesta passagem: a imperturbabilidade da alma representa um caminho reto para que o sujeito possa conhecer-se a si mesmo. O que se observa é como a *parresía* pode ser compreendida como uma ferramenta técnica que pode e deve ser utilizada pelo sujeito que se abre técnicas de si para que de fato ele atinja a meta que é o seu próprio eu. Converter-se a si mesmo como uma teleologia para o eu é possível ao sujeito que se orienta pelo discurso *parresiástico* e tome decisões e ações eticamente norteadas pela noção do franco falar. Essa é uma das maneiras de eficácia do sujeito atingir-se a si mesmo ao fazer a conversão de sua atenção ao seu próprio eu.

Há uma articulação entre estes polos (cuidado de si e *parresía*) tendo em mente a ideia do filósofo conselheiro, o diretor de consciência. Para guiar uma alma, cujo objetivo seja mostrá-la os caminhos para que ela passe a cuidar de si mesma, o filósofo assume um discurso verdadeiro, um discurso que é dotado de uma liberdade da palavra, não persuadindo o sujeito. Seu discurso não pode ter predicativos de dissimulação da fala, que possam enganar ou confundir seu ouvinte. O discurso do *parresiasta* é uma fala franca, sincera, objetivamente associada à verdade, o que possibilita o seu ouvinte a tornar-se um sujeito que passe a ocupar-se de si mesmo graças à orientação de seu tutor. Isso garante ao sujeito condições de constituir-se eticamente, orientando-se pela verdade e agindo conforme tal condição.

Na subseção 3.2.1 falaremos sobre a prática de si identificada com a própria arte de viver como sendo umas das formas do cuidado de si, que promove a transformação do sujeito no qual ele se liberta e decide olhar e voltar-se para si.

3.2.1 A prática de si identificada com a própria arte de viver

“A prática de si, integra-se, mistura-se, entrelaça-se com toda uma rede de relações sociais diversas”. Recordamos que, no “*Alcebiades*” “tratava-se de estar atento a si para poder ocupar-se, como convém, com os outros e com a cidade”. Agora, “é preciso ocupar-se consigo para si mesmo, de maneira que a relação com os outros seja deduzida, implicada assim, na relação que se estabelece de si para consigo” (FOUCAULT, 2006a, p. 254). Veremos em seguida o respectivo exemplo:

Lembremos que o próprio Marco Aurélio não ficava mais atento a si para poder melhor assegurar-se de estar atento, como convém, ao império, isto é, ao gênero humano, em suma. Mas ele bem sabia que estaria atento, como convém, ao gênero humano que lhe fora confiado, na medida em que, desde logo e antes de tudo, finalmente e ao cabo, soubesse cuidar de si mesmo como convém. É na relação de si para consigo que o imperador encontra a lei e o princípio de exercício de sua soberania. Cuida-se de si para si. (FOUCAULT, 2006a, p. 254)

Foucault enumera algumas imagens relacionadas à prática de si: “É preciso aplicar-se a si mesmo e isto significa ser preciso desviar-se das coisas que nos cercam”. Desviar-se de tudo o que se presta a atrair nossa atenção, nossa aplicação, suscitar nosso zelo, é preciso desviar-se para virar-se em direção a si, e durante toda a vida voltar a atenção, os olhos, o espírito na direção de si mesmo (FOUCAULT, 2006a, p. 257).

Dentro das tecnologias do eu Foucault aponta a noção de conversão, tendo uma importância capital na ordem da moral:

A primeira coisa a realçar é que, certamente, na época de que lhes falo, o tema da conversão não é evidentemente novo, porquanto, como sabemos, está desenvolvido de modo significativo em Platão. Em Platão é encontrado sob a forma da noção de *epistrophé*. Exponho, de modo muito esquemático, é claro, como se caracteriza a *epistrophé* platônica. Ela consiste, primeiramente, em se desviar das aparências. Encontramos então o elemento da conversão como maneira de se desviar de alguma coisa (desviar-se das aparências). Consiste, em segundo lugar, em fazer o retorno a si constatando sua própria ignorância e decidindo-se justamente, a ter cuidado de si e a ocupar-se consigo. Finalmente, terceiro momento, a partir deste retorno a si que nos conduzirá a reminiscência, poder-se-á retornar a própria pátria, a

das essências da verdade e do ser. “Desviar-se de”, “virar-se na direção de si”. (FOUCAULT, 2006a, p. 257-258)

A conversão encontrada na cultura e na prática de si helenística e romana não se move, primeiramente, no eixo de oposição entre este mundo e o outro, como a *epistrophé* platônica. Ao contrário trata-se de um retorno que se fará, de certo modo na própria imanência do mundo. Enquanto, a *epistrophé* platônica consistia em um movimento capaz de nos conduzir deste mundo ao outro. Porém, a conversão na cultura de si helenística e romana, conduz a nos deslocarmos do que não depende de nós ao que depende de nós. Trata-se de uma liberação no interior deste eixo de imanência, liberação em relação a tudo aquilo que não dominamos, para alcançarmos, enfim, aquilo que podemos dominar (FOUCAULT, 2006a, p. 258).

Há outra característica da conversão helenística e romana, a saber, que ela tem afeição, não de uma liberação em relação ao corpo, mas do estabelecimento de uma relação completa, consumada, adequada de si para consigo. Portanto, não é na cisão com o corpo, mas antes na adequação de si para consigo, que a conversão se fará. Outra diferença comporta em ver que o conhecimento desempenha por certo um papel importante, ele não é, porém, tão decisivo e fundamental quanto na *epistrophé* platônica. Nesta, a conversão se fará através do exercício, da prática, do treinamento da (*askesis*). É ela que constitui o elemento essencial (FOUCAULT 2006a, p. 259).

Há uma ruptura que se dá em relação ao que cerca o eu. É em torno do eu, para que ele não seja mais escravo, dependente e cerceado, que se deve operar essa ruptura. Há uma série de termos, noções que remetem a esta ruptura do eu relativamente a tudo o mais, que não é, porém, uma ruptura de si para consigo. São todos termos que designam a fuga (*pneúgein*), o retiro (*anakronésis*) (FOUCAULT, 2006a, p. 261).

Anakronésis tem dois sentidos, o primeiro está relacionado à retirada de um exército diante do inimigo (quando o exército recua diante do inimigo: *anakhoreî*, ele parte em retirada e recua) ou então, *anakhóresis* como fuga de um escravo que parte para a *khôra*, para o campo, escapando assim da sujeição e do status de escravidão. É deste tipo de ruptura que Foucault aponta sendo uma das formas de resistência (2006a, p. 261).

A noção de conversão são relações de si para consigo, que podem ter a forma de atos e ações. Por exemplo: protege-se, defende-se, arma-se, equipa-se o eu. Podendo assumir também a forma de relações de atitudes: respeita-se, honra-se o eu. Ainda assim, podem tomar a forma de relações de estado, tais como: é-se senhor de si, possuímos nosso eu, ele nos pertence. Vemos que a conversão definida por Foucault é um movimento que se dirige para o eu, que não tira os olhos dele, que o fixa de uma vez por todas como a um objetivo e que, finalmente alcança-o ou a ele retorna (FOUCAULT 2006a, p. 263).

Volver o olhar para si, significa desviá-lo dos outros, e em seguida desviá-lo das coisas do mundo. Desviá-lo dos outros, quer dizer, desviá-lo da agitação cotidiana, da curiosidade que nos leva ao interesse pelo outro:

Pois bem, é isto que devemos fazer conosco: olhar o que se passa não na casa alheia, mas antes em nossa própria casa. Temos então a impressão – primeira impressão, ao menos – que se trate de substituir o conhecimento dos outros ou a malévola curiosidade em relação aos outros, por um exame um pouco sério de nós mesmos. Também Marco Aurélio várias vezes recomenda: não vos ocupei com os outros, vale mais ocupar-se com vós mesmos. Assim, temos, (...) um princípio: em geral, jamais se é infeliz por não prestar atenção ao que se passa na alma de outrem. (...) “não emprega a parte de vida que te foi dada a imaginar ao que outro está fazendo.” (...) “Quanto tempo livre ganhamos se não olharmos o que o vizinho disse, fez ou pensou, mas tão-somente o que nós mesmos fazemos (*tíautòspoiei*).” Portanto, não olhar o que se passa com os outros, mas interessar-se antes por si. (FOUCAULT, 2006a, p. 269)

A requisitada inversão do olhar, em oposição aos males da curiosidade em relação aos outros, não resulta na constituição de si mesmo como um objeto de análise, de decifração, de reflexão. Trata-se para o sujeito de olhar bem sua própria meta. Tendo diante dos olhos, do modo mais transparente a meta para qual tendemos, com uma espécie de clara consciência dela, do que é necessário fazer pra atingi-la e das possibilidades de que dispomos para isto. Nesse caso:

É preciso ter consciência, uma consciência de certo modo permanente, do nosso esforço. [não se trata] de ter a si mesmo como objeto de conhecimento, como campo de consciência e de inconsciência, mas

uma consciência permanente e sempre atenta desta tensão com a qual nos dirigimos à nossa meta. O que nos separa da meta, a distância entre nós e a meta deve ser o objeto, repito, não de um saber de decifração, mas de uma consciência, uma vigilância, uma atenção. (FOUCAULT, 2006a, p. 272)

O autor remete a construção do vazio em torno de si, sem se deixar levar por todos os ruídos nem por todas as pessoas que nos cerca, significa pensar na meta, ou antes, na relação entre si mesmo e a própria meta. Pensar nessa trajetória que nos separa daquilo a que queremos nos dirigir ou daquilo que queremos atingir. É nessa trajetória de si para si, que devemos concentrar toda a nossa atenção: é este o objeto, o tema deste retorno do olhar que estava posto nos outros e que devemos agora reconduzir ao sujeito da ação que dispõe de meios para atingi-la (FOUCAULT 2006a, p. 273).

São essas práticas da subjetividade que promovem a transformação do indivíduo em um sujeito ético: a subjetividade do sujeito é construída e constituída a partir da adoção de práticas voltadas para o cuidado de si, moldando o sujeito e a maneira pela qual ele vai se colocar diante da realidade social.

O que Foucault propõe é um entendimento sobre a ideia do cuidado de si como um princípio ético, que vai transformar o sujeito a partir do seu próprio conhecimento. Este princípio transformador ocorre a partir de uma *askésis*, ou seja, a partir de exercícios e práticas realizadas pelo sujeito para que de fato ele se modifique, dê uma nova constituição à sua subjetivação. Livre das amarras e detenções do poder.

Toda essa transformação ocorre graças à relação que o cuidado de si tem com a noção do “conhece-te a ti mesmo”, sendo, portanto uma transformação de caráter ético, pois o que está se alterando é o sujeito em sua subjetividade, é a alma do sujeito e sua particularidade subjetiva em relação ao mundo, em relação à verdade. Foucault lista algumas dessas práticas ou exercícios ascéticos ligados ao cuidado de si, que representam a possibilidade do sujeito de promover um exame de sua consciência.

CONCLUSÃO

O que buscamos demonstrar no texto desta dissertação é a abordagem sobre o poder disciplinar, e como o corpo submetido às instituições sociais poderia resistir a essa tecnologia política de poder. Para atingir nossos objetivos a contento, expusemos primeiramente, o espaço, tempo e corpo como elementos constitutivos do poder disciplinar mostrando a presença ininterrupta da resistência. Colocamos também em segundo momento, como o poder disciplinar surgiu dentro das instituições sociais, e por fim, no terceiro momento apresentamos as formas de resistência ao poder, sendo a parresía e o cuidado de si. Destacamos posteriormente nessa fase, o que representa a leitura em torno da formação e constituição do sujeito voltado para o seu lado ético.

Nesse sentido, o controle disciplinar ocorre na medida em que o indivíduo está inserido em um tempo e espaço pertencendo a uma dada instituição social. Os lugares das instituições disciplinares são lugares que fazem cumprir com a necessidade de vigiar, criando-se também um espaço propício à utilidade. Sendo assim, nas instituições disciplinares, os indivíduos irão se definir segundo uma sequência ou uma ordem, sendo a disciplina uma maneira de fazer a distribuição desses indivíduos, formando uma rede de relações. A disciplina utiliza também o panoptismo que faz com que torne possível a observação geral dos corpos, fazendo acontecer à vigilância de maneira que o vigiado sinta que está sendo vigiado, embora não tenha absoluta certeza de quem o está vigiando.

Foucault nos apresenta o panoptismo simbolizando o edifício do poder, já que consegue adentrar nos comportamentos individuais sem que as singularidades o percebam de fato. A disciplina age em escala maior no corpo, esse é o propósito real do mecanismo disciplinar de poder; dominar e extrair desse corpo um número máximo de atividades, de rendimentos, tornando esse corpo útil até nos mínimos instantes. O espaço, tempo e corpo estão intimamente relacionados nas análises foucaultianas, pois na medida em que o poder envia o seu comando esses três itens abarcam o indivíduo e o conduzem para a execução e o funcionamento do poder. Precisa-se do espaço, pois é ele que norteia e delimita o corpo, precisa-se do corpo, pois é ele que faz valer as regras estabelecidas pela disciplina, precisa-se do tempo, pois ele é contado, cronometrado e baseado nas atividades relacionadas às instituições disciplinares. Assim, a disciplina

procura retirar mais forças positivas do tempo e faz mostrar a relação direta entre essas variáveis demonstrando dessa forma a sua eficiência.

A resistência está presente, na medida em que o poder se encontra penetrado no sujeito, moldando sua conduta e fabricando o seu modo de ser, é aí que se faz acontecer o salto para a luta, para não aceitação da posição de dominação, pois, se o poder existe, existe também formas de resistência a esse poder. A ética do cuidado de si marca um compromisso de cada sujeito, enquanto pertencente a uma sociedade, com a verdade (parresiástica). E nesse sentido, os sujeitos passarão a se orientar por aquilo que eles compreendem como sendo a verdade.

A noção de cuidado de si como se mostra no livro: A Hermenêutica do sujeito está presente de acordo com a seguinte citação:

O cuidado de si vai ser considerado, portanto, como o momento do primeiro despertar. Situa-se exatamente no momento em que os olhos se abrem, em que se sai do sono e se alcança a luz primeira: este, o terceiro ponto interessante na questão do “ocupar-se consigo mesmo” (...). O cuidado de si é urna espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência. (FOUCAULT, 2006a, p, 11)

Consiste em perceber que essas técnicas de subjetivação geram no sujeito práticas de cuidado, que podem representar tanto o cuidado que o indivíduo passa a ter consigo mesmo quanto com o cuidado que ele passa a assumir com o outro. São essas técnicas de cuidado de si e de cuidado com o outro que provocam o autoconhecimento e o posicionamento político, respectivamente que tornam o sujeito capaz de agir eticamente no campo da política, uma vez que seu ethos foi transformado. O sujeito age na sociedade de maneira livre e consciente: livre porque ele se torna sujeito de si mesmo, se torna senhor de si, não se sujeitando às suas próprias vontades e desejos e consciente porque, além do sujeito tornar-se senhor de si, ele cuida dos outros, zela por estes outros, o que representa dizer que ele age politicamente e eticamente, buscando o melhor para si e para os seus pares no tocante ao bem comum. Como explicita melhor essa passagem de Diálogo do primeiro Alcebiades:

Sócrates – Então responde: que significa a expressão cuidar de si mesmo? Pois pode muito bem dar-se que não estejamos cuidando de nós, quando imaginamos fazê-lo. Quando é que o homem cuida de si mesmo? Ao cuidar de seus negócios, cuidará de si mesmo?

Alcebíades – Parece que sim.

Sócrates – Quer seja coisa fácil, quer difícil, Alcebíades, o que é certo, é que, conhecendo-nos, ficaremos em condições de saber como cuidar de nós mesmos, o que não poderemos saber se nós desconhecemos.

(PLATÃO, 128-129a)

É através da ética do cuidado de si que se promove a transformação do ethos do sujeito. A proposta de se pensar uma nova filosofia que tenha desdobramentos sobre a política e sobre o poder a partir da concepção do discurso pautado pela veridicção, pela verdade atrelada a resistência que se encontra lado a lado com o poder disciplinar.

Ora, é diante da ideia de que o poder para Foucault funciona como uma relação de forças que ele atua sempre como produtor de indivíduos, a resistência aparece para Foucault como um poder que implica força, modificando e controlando a individualidade. As forças se definem segundo o poder que um dominador comanda outro ser que passa a ser nesse aspecto dominado. Isso nos faz perceber a capacidade que a vida tem de resistir a um poder que quer geri-la e manobra-la. Contudo, resistir é, neste aspecto, sinônimo de criar ou inventar novas possibilidades de ação.

A disciplina é composta por métodos que culminam numa estrutura, uma arquitetura que se transformará em modelo para um tipo de sociedade. A sociedade moderna. Toda prática disciplinar requer um espaço. O homem produziu o espaço da excelência disciplinar, no qual o olho do poder está sempre atento. O espaço da disciplina é recortado, imóvel, fechado. Cada qual tem o seu lugar e é permanentemente fiscalizado, vigiado. Tem todos os seus atos registrados com possibilidades de subversão, de resistência.

Nesse sentido, o caminho que percorremos nesse trabalho, baseou-se na perspectiva foucaultiana, vista pela ótica do poder disciplinar atrelado aos seus aspectos de modulação da conduta humana em seus diversos espaços e procedimentos, seja em anotações, seja em observação de maneira despretensiosa e silenciosa, visto que, a ação desse poder consiste em adentrar no comportamento do indivíduo fazendo suas devidas modificações, através das obras: *A Hermenêutica do Sujeito*, *A coragem da Verdade* e o

governo de si e dos outros II. Podemos refletir sobre o cuidado de si que é apresentado como uma estratégia, uma fuga, para uma vida menos assujeitada. No qual, o indivíduo possa ver novas maneiras de ação referente à sua condição enquanto sujeito constituído pelas armadilhas do poder, o que Foucault nos mostra para egresso ao poder é a tentativa de uma existência plena e bela que só será possível através do cuidado de si e do falar franco dentro da visão grega antiga.

Portanto, disciplina, corpo e resistência estão intimamente relacionados, na medida em que, quando o corpo resiste às tecnologias de poder, está buscando formas de não dominação anexadas às práticas que se configuram no cuidado de si, encontradas especificamente na hermenêutica de Foucault. A partir daí, se constrói uma maneira conjunta e estratégica para erigir uma nova sociedade, pautada na ética do cuidado de si, e no autoconhecimento.

REFERÊNCIAS

- BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- CARMO, Miguel Ângelo Oliveira do. **Acontecimento e atualidade em Michel Foucault: uma análise a partir do Dits et Écrits**. 2010. Disponível em <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp141170.pdf>. Acesso em 21/07/2017.
- CASTRO, Edgar. **Introdução a Foucault**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2014.
- _____. **Vocabulário de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. 1 ed São Paulo: Brasiliense, 1988.
- EIZIRIK, Marisa Faerman. **Michel Foucault: um pensador do presente**. Rio grande do sul: ijuí 2 ed unijuí, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal 1979.
- _____. **Historia da Sexualidade I- A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- _____. **História da Sexualidade II- O uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984a.
- _____. **História da Sexualidade III- O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1984b.
- _____. **A ordem do discurso: aula inaugural no collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis. Rio de janeiro: Vozes, 1997.
- _____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.
- _____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU editora, 1999b.
- _____. **Os anormais: Curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. **Ditos e Escritos, Volume IV: Estratégia, Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **Ditos e Escritos, Volume V: Ética, Sexualidade, Política.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **A hermenêutica do sujeito.** São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

_____. **O poder psiquiátrico:** Curso dado no collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

_____. **Segurança, Território, População:** Curso dado no collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. **Nascimento da biopolítica:** curso no collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento.** Tradução Eliza Monteiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008d.

_____. **Do governo dos vivos:** Curso no Collège de France. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2009.

_____. **O Governo de Si e dos Outros:** curso no collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

_____. **Ditos e Escritos, Volume VI:** Repensar a Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

_____. **A coragem da verdade:** O governo de si e dos outros II: Curso no collège de France. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. **Ditos e Escritos, Volume VIII:** Segurança, Penalidade, Prisão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. **Ditos e Escritos, Volume IX:** Genealogia da Ética Subjetividade e Sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a.

_____. **Ditos e Escritos, Volume X:** Filosofia, diagnóstico do presente e verdade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b.

GROS, Frédéric (org). **A coragem da verdade.** São Paulo; parábola editorial, 2004.

JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque; NETO, Alfredo Veiga; FILHO, Alípio de Souza. **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MACHADO, Roberto. **Ciência e Saber: A trajetória da Arqueologia de Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

MONTESQUIEU, Charles de Secondat. **O espírito das leis**. Tradução Cristina Murachco. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLATÃO. **O primeiro Alcebiades**. Pará: Ed. UFPA, 1975.

QUEIROZ, André e CRUZ, Nina Velasco. **Foucault hoje?** Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: Conceitos essenciais**. São Paulo: Claraluz, 2005.

RAGO, Margareth. VEIGA Neto, Alfredo. (Orgs.). **Figuras de Foucault**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RAGO, Margareth; NETO Veiga Alfredo; GONDRA, JOSÉ G. **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

KRAEMER, Celso. **Ética e liberdade em Michel Foucault**. São Paulo: Educ: Fapesp, 2011.